UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

RAFAEL STOPPA ROCHA

A negação dupla no português paulistano

Exemplar Revisado

São Paulo

2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

RAFAEL STOPPA ROCHA

A negação dupla no português paulistano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Exemplar Revisado

De acordo: _____

São Paulo

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES pelo apoio à pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Ronald Beline Mendes, pela amizade, paciência, discussões e inúmeras horas dedicadas à leitura dos meus textos. Agradeço também aos funcionários do DL pela ajuda com toda a papelada.

Agradeço à Prof^ª. Dr^ª. Evani Viotti e ao Prof. Dr. Paulo Chagas por suas valiosas dicas no exame de qualificação. Aos professores que me acompanharam na graduação e àqueles com quem cursei disciplinas durante a pós-graduação e que me auxiliaram nas inspirações: Prof^ª. Dr^ª. Evani Viotti, Prof. Dr. Ronald Beline Mendes, Prof^ª. Dr^ª. Margarida Petter e Prof^ª. Dr^ª. Raquel Santos. Ao Prof. Dr. Sebastião Gonçalves, da UNESP (São José do Rio Preto), por todos seus comentários sobre meu trabalho. A todos os colegas do GESOL-USP, pela amizade e conselhos sobre o trabalho e sobre a vida: Lívia, Ivanete, Dayane, Mariane, Camila, Larissa, Ana, Andressa, Fernando, Rafael, Wendel.

Agradeço imensamente a meus pais, Selma e Rubem, pelo amor sem limites, confiança, apoio emocional e financeiro durante todos esses anos, da graduação à pós - a eles e aos meus demais familiares (avó, tias, tios, primas, primos), que por tantos anos já não me têm presente em almoços, aniversários, natais e tantas outras datas, mas sempre me recebem com alegria e dedicação.

Agradeço à minha esposa Gabriela por todo o amor, carinho e paciência, em momentos juntos e momentos afastados. Agradeço pela convivência maravilhosa que tive com meus cunhados e meus sogros, que me acolheram tão bem e confiaram a mim tantas coisas.

Finalmente, quero agradecer também aos meus queridos amigos, com os quais aprendo mais a cada dia, principalmente nos últimos anos: André, Daniel, Eduardo, Felipe, Glauce, Simone...

RESUMO

Este trabalho descreve o emprego variável de estruturas de negação na variedade paulistana do português. São três as formas variantes: *não* pré-verbal (NEG1, p.ex. *Não gosto de chocolate*), *não* pré e pós-verbal (NEG2, p. ex. *Não gosto de chocolate não*) e *não* pós-verbal apenas (NEG3, p. ex. *Gosto de chocolate não*).

A partir da discussão de restrições discursivo-pragmáticas, define-se o envelope de variação (os contextos em que as formas são semanticamente equivalentes). NEG1 e NEG2 são ambas alternativas quando a proposição que está sendo negada foi direta ou indiretamente ativada no discurso anterior. Quando a informação proposicional é nova no discurso, apenas NEG1 é possível. Já NEG3 parece improdutiva na variedade paulistana: representa menos de 1% em mais de cinco mil ocorrências de sentenças negativas.

Os dados analisados foram extraídos de 48 entrevistas sociolinguísticas com paulistanos estratificados em Sexo/gênero, Faixa etária e Escolaridade. Elas foram coletadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da Universidade de São Paulo (GESOL-USP), entre os anos de 2003 e 2010. Além da amostra geral (com todas essas entrevistas), são analisadas duas subamostras menores (24 entrevistas cada), organizadas com base na região da cidade em que vivem os paulistanos (mais central ou mais periférica) e na sua geração (filhos de pais paulistanos ou filhos de migrantes de outros estados brasileiros).

Os resultados indicam que a variante NEG2, bastante infrequente (cerca de 6% no conjunto de 48 entrevistas), é favorecida por informantes de escolaridade mais baixa e de 1ª geração na cidade de São Paulo. Algumas análises sugerem ainda que informantes que vivem em bairros mais periféricos favorecem NEG2. Não há indícios, contudo, de correlação entre a variável e Sexo/gênero; tampouco há indício de mudança em curso. No âmbito linguístico, a ativação direta de proposições é o fator que mais fortemente favorece o emprego da variante NEG2, seguido da ausência de marcadores discursivos ou de outros termos negativos na sentença.

Palavras-chave: negação, variação sintática, português paulistano, português brasileiro, Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT

This master's thesis describes the variable use of negation structures in São Paulo Portuguese. There are three variants: pre-verbal *não* (NEG1, e.g. *Não gosto de chocolate*), pre and post-verbal *não* (NEG2, e.g. *Não gosto de chocolate não*) and post-verbal *não* only (NEG3, e.g. *Gosto de chocolate não*). All of these sentences mean 'I don't like chocolate'.

By discussing discourse-pragmatic restrictions on the use of such structures, the envelope of variation is defined as follows: NEG1 and NEG2 can both be employed when the proposition that is being negated was activated earlier (directly or indirectly) in discourse. When the propositional information is discourse-new, only NEG1 is possible. As for NEG3, it seems very unproductive in São Paulo Portuguese; it occurs in less than 1% of 5,000 tokens of negative sentences.

The data was extracted from 48 sociolinguistic interviews with *Paulistanos* (those born and raised in the city of São Paulo) stratified by sex/gender, age group and level of education. From the general *corpus* of 48 interviews, two subsamples of 24 interviews each have also been analyzed. One of them is based on the region of the city where the informants live (central or peripheral), whereas the other is based on their generation in the city (*Paulistano* parents or migrants from other states in Brazil).

Results show that NEG2 (an infrequent variant – about 6% of the tokens extracted from the 48 interviews) is favored by those with lower level of education and by first generation *Paulistanos* (that is, by those whose parents were not born and raised in the city). Some analyses suggest that NEG2 is also favored by those groups that live in more peripheral areas of São Paulo. There is no indication of correlation between the variable and sex/gender, nor is there any indication of change in progress. Linguistically, the factor that most favors NEG2 is the direct activation of propositional information in discourse, followed by the absence of discourse markers or other negative elements in the sentence.

Keywords: negation, syntactic variation, São Paulo Portuguese, Brazilian Portuguese, Variationist Sociolinguistics.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. DISTRIBUIÇÃO GERAL DE NEG1, NEG2 E NEG3 NA AMOSTRA DO PP	2
TABELA 2. DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS VARIANTES NA AMOSTRA GERAL	63
TABELA 3. PESOS PARA FATORES LINGÜÍSTICOS NA AMOSTRA GERAL.....	63
TABELA 4. RESULTADOS PARA O GRUPO ATIVAÇÃO DA PROPOSIÇÃO NA AMOSTRA GERAL.....	64
TABELA 5. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS QUE NÃO ENTRARAM NA ANÁLISE ESTATÍSTICA (PARA TODAS AS AMOSTRAS)	64
TABELA 6. DISTRIBUIÇÃO DE NEG2 DE ACORDO COM SEXO/GÊNERO NA AMOSTRA GERAL.....	65
TABELA 7. RESULTADOS PARA OS GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS NA ANÁLISE DA AMOSTRA GERAL	65
TABELA 8. RESULTADOS PARA RODADA COM COMBINAÇÃO DOS GRUPOS ESCOLARIDADE E REGIÃO.....	67
TABELA 9. DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS VARIANTES NA AMOSTRA GERAÇÃO	69
TABELA 10. RESULTADOS PARA AMOSTRA GERAÇÃO	70
TABELA 11. DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS VARIANTES NA AMOSTRA REGIÃO	70
TABELA 12. RESULTADOS PARA AMOSTRA REGIÃO.....	71
TABELA 13. AMOSTRA GERAL 2 E AMOSTRA GERAL.....	72
TABELA 14. RESULTADOS PARA AMOSTRA GERAL 2	73
TABELA 15. GRUPOS DE FATORES NÃO SELECIONADOS NA ANÁLISE DA AMOSTRA GERAL 2	74

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. RESUMO DO MODELO DE RESTRIÇÕES PARA A NEGAÇÃO (SCHWENTER, 2005)	19
QUADRO 2. ENVELOPES 1 E 2 PARA A NEGAÇÃO SENTENCIAL.....	20
QUADRO 3. REFORMULAÇÃO DO MODELO DE SCHWENTER (2005) PARA A VARIEDADE PAULISTANA....	21
QUADRO 4. DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS DE NEG1, NEG2 E NEG3 NA AMOSTRA GERAL.....	22
QUADRO 5. VARIANTES QUE COMPÕEM O ENVELOPE PAULISTANO (EM DESTAQUE)	23
QUADRO 6. DISTRIBUIÇÃO DOS DOMICÍLIOS POR FAIXAS DE RENDA FAMILIAR, SEGUNDO DISTRITOS DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (2000) - IBGE E FUNDAÇÃO SEADE.....	27
QUADRO 7. PERFIS DA AMOSTRA GERAL	36
QUADRO 8. INFORMANTES FEMININOS DA AMOSTRA GERAL.....	37
QUADRO 9. INFORMANTES MASCULINOS DA AMOSTRA GERAL.....	38
QUADRO 10. PERFIS E INFORMANTES DA AMOSTRA GERAÇÃO	41
QUADRO 11. PERFIS E INFORMANTES DA AMOSTRA REGIÃO.....	42
QUADRO 12. GRUPOS DE FATORES SOCIAIS.....	44
QUADRO 13. GRUPOS DE FATORES LINGÜÍSTICOS.....	45
QUADRO 14. HOMENS DE 2ª FAIXA ETÁRIA NA AMOSTRA GERAÇÃO.....	49
QUADRO 15. FATORES QUE FAVORECEM NEG2	69
QUADRO 16. COMPARAÇÃO DE FATORES QUE FAVORECEM NEG1 OU NEG2	77

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. POPULAÇÃO NOS ANOS DE LEVANTAMENTO CENSITÁRIO, DE 1950 A 2010 (EM MILHÕES).	
FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICOS.	29
GRÁFICO 2. POPULAÇÃO PAULISTANA ENTRE 30 E 60 ANOS EM 2010. FONTE: IPEA (2011).	31
GRÁFICO 3. PESOS PARA NEG EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA (AMOSTRA GERAL).	66
GRÁFICO 4. USO DE NEG2 PARA ESCOLARIDADE VS. REGIÃO.	68
GRÁFICO 5. PESOS DE NEG2 PARA O GRUPO GERAÇÃO.	68

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. DIVISÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO EM CENTRO VELHO, CENTRO EXPANDIDO E PERIFERIA.	
FONTE: SÃO PAULO (2011).	26
FIGURA 2. MAPA DA VULNERABILIDADE SOCIAL NA CIDADE DE SÃO PAULO (IPVS). FONTE: FUNDAÇÃO	
SEADE, 2004.	28

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	II
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
LISTA DE TABELAS.....	V
LISTA DE QUADROS	VI
LISTA DE GRÁFICOS.....	VII
LISTA DE FIGURAS.....	VII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. A NEGAÇÃO	4
1.1. ESTUDOS SOBRE A NEGAÇÃO	6
1.2. NEG1, NEG2 E NEG3 COMO VARIANTES DE UMA VARIÁVEL	11
1.2.1. <i>Modelo de restrições discursivo-pragmáticas.....</i>	<i>14</i>
1.2.2. <i>“Envelope paulistano”</i>	<i>20</i>
CAPÍTULO 2. CORPUS E METODOLOGIA	24
2.1. SÃO PAULO.....	25
2.1.1. <i>População e migração</i>	<i>29</i>
2.1.2. <i>Estudos sobre a fala paulistana</i>	<i>32</i>
2.2. CORPUS E SUBAMOSTRAS	33
2.2.1. <i>Amostra GERAL.....</i>	<i>36</i>
2.2.2. <i>Amostra GERAÇÃO</i>	<i>40</i>
2.2.3. <i>Amostra REGIÃO.....</i>	<i>41</i>
CAPÍTULO 3. HIPÓTESES.....	43
3.1. HIPÓTESES SOCIAIS	45
3.1.1. <i>Sexo/gênero.....</i>	<i>45</i>
3.1.2. <i>Faixa etária.....</i>	<i>47</i>
3.1.3. <i>Escolaridade</i>	<i>48</i>
3.1.4. <i>Naturalidade dos pais e Geração de paulistano</i>	<i>48</i>

3.1.5. Região e Zona da cidade	49
3.2. HIPÓTESES LINGÜÍSTICAS	50
3.2.1. Ativação informacional da proposição negada.....	50
3.2.2. Marcadores conversacionais	51
3.2.3. Outros termos negativos	52
3.2.4. Tipo de verbo	53
3.2.5. Adjunto adverbial	56
3.2.6. Tipo de sentença	57
3.2.7. Sujeito.....	58
3.2.8. Quantidade de elementos à direita do verbo.....	59
3.2.9. Tipo de constituinte pós-verbal.....	60
CAPÍTULO 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	62
4.1. AMOSTRA GERAL.....	62
4.1.1. Grupos de fatores linguísticos.....	63
4.1.2. Grupos de Fatores Sociais	64
4.2. AMOSTRA GERAÇÃO	69
4.3. AMOSTRA REGIÃO.....	70
4.4. AMOSTRA GERAL 2	71
CONCLUSÃO	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXO: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	84

INTRODUÇÃO

Há mais de uma forma de se realizar a negação de uma sentença em português brasileiro (PB). Para Schwenter (2005), esta é a única das línguas românicas a apresentar três estruturas para esse fim. Elas se diferenciam quanto à posição que o advérbio *não* ocupa em relação ao verbo:

- Negação pré-verbal, com o advérbio *não* anteposto ao verbo (doravante NEG1):

1 D1¹: Você, tanto pela percepção espírita, ou mesmo pela percepção física mesmo, você acha que você consegue perceber então a diferença?
S1: Sem dúvidas, sem dúvidas. É que **as pessoas NÃO se atentam pra isso**. [M3+01]²

- Negação dupla, com dois advérbios *não*, um na posição pré-verbal e outro após o verbo (NEG2):

2 D1: Você morava com seus pais ainda?
S1: Morava, (...) mas fiz minha faculdade, me formei. Continuei trabalhando na faculdade de Filosofia, né? Aí falei: não, agora chega, **NÃO vou mais fazer faculdade NÃO**. [F3+01]

- Negação pós-verbal, com um *não* exclusivamente após o verbo (NEG3).

3 D1: E estuda tudo na mesma escola?
S1: Não, estudam em escola... tipo, em outra escola. **Coloquei junto NÃO**. [F1-01]

O termo “negação dupla” é aqui empregado à maneira de Furtado da Cunha (2001). Trata-se da estrutura [Neg V Neg], diferentemente de algumas acepções de “dupla negação”, que pode se referir também a estruturas como “Cláudia não viu nada” (Brenner, 1981).

A fim de descrever os usos dessas estruturas na fala paulistana, verificam-se quais são os contextos em que elas funcionam como formas alternativas. De acordo com a análise qualitativa dos dados, o envelope de variação se configura em termos

¹ Nos exemplos, “D1” e “S1” referem-se, respectivamente, a Documentador(a) e Informante. Os exemplos estão transcritos de modo semiortográfico, ou seja, seguem-se – sempre que possível – as regras gramaticais e ortográficas para esclarecer o conteúdo dos trechos. As citações e exemplos extraídos de outras obras permanecem como encontrados nos originais.

² As letras e números entre colchetes logo após os exemplos indicam o perfil do informante. O primeiro indica seu sexo/gênero (M – masculino ou F – feminino); o segundo, sua faixa etária (1: entre 18 e 35 anos; 2: 36-55; e 3 – mais de 55); o terceiro, sua escolaridade (“-” para aqueles que estudaram até o Ensino Médio e “+” para aqueles que chegaram ao nível superior); e o último diferencia indivíduos com perfis iguais (de 01 a 04). A descrição completa dos informantes e de seus perfis é feita no Capítulo 2.

discursivo-pragmáticos. Em 48 entrevistas sociolinguísticas com paulistanos, NEG1 e NEG2 são alternativas quando a informação da proposição que está sendo negada foi direta ou indiretamente ativada no discurso anterior. Quando a informação proposicional é nova, apenas NEG1 pode ser empregada. Por outro lado, NEG3 é muito rara no *corpus*, de modo que tal forma pode ser desconsiderada na análise quantitativa dos dados que ocorrem nesse que se define como “envelope paulistano” – conforme detalha o Capítulo 1.

Assim, diferentemente do que propõem Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (2001) (para as quais NEG2 só poderia ocorrer em casos de quebra de expectativa), o presente trabalho entende que a restrição aos usos das variantes se dá em termos discursivo-pragmáticos mais amplos. Segundo com Schwenter (2005), verifica-se que uma proposição só pode ser negada com NEG2/3 se sua informação proposicional tiver sido ativada no discurso – excluindo-se, então, os casos de pressuposição, ou seja, aqueles em que os falantes partilham informações de fundo comum.

A distribuição das variantes de Negação (nome do qual esse trabalho vai se valer para se referir a tal variável) no corpus do português paulistano (PP) surpreende: são muito díspares as suas frequências de ocorrências. O quadro abaixo apresenta tal distribuição em números absolutos e em porcentagens.

Tabela 1. Distribuição geral de NEG1, NEG2 e NEG3 na amostra do PP

NEG1	NEG2	NEG3	Total
5279	324	4	5607
94%	5,8%	0,2%	100%

Conforme já se adiantou, essa distribuição permite eliminar NEG3 da análise quantitativa da variável na amostra paulistana. Guy & Zilles (2007) explicam que um envelope com três variantes não deve apresentar frequência relativa menor do que 5% para nenhuma das variantes (NEG3 ocorre apenas 0,2% das vezes), pois tal fato impossibilita desenvolver análises estatísticas no sentido de depreender padrões de uso numa comunidade de falantes.

O *corpus* que serviu de base para este estudo é composto por 48 entrevistas, recolhidas entre os anos de 2003 e 2010 pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da Universidade de São Paulo (GESOL-USP). Neste trabalho, essas entrevistas estão distribuídas igualmente em três estratos – Sexo/gênero, Faixa etária e

Escolaridade – de cujo cruzamento obtêm-se 12 perfis sociolinguísticos. Cada um desses perfis é representado por quatro informantes diferentes, conforme descreve o Capítulo 2.

Todas as hipóteses de correlação entre fatos linguísticos e sociais (os chamados grupos de fatores) e a variável Negação são descritas no Capítulo 3. Algumas delas, contudo, em virtude de sua relação com a constituição da amostra de dados, começam a ser aventadas já no Capítulo 2, tais como Geração (filhos de pais paulistanos ou de pais oriundos de outros estados) e Região da cidade que habitam (mais central ou mais periférica). Além dessas e de outras hipóteses sociais, são investigados os grupos de fatores linguísticos Ativação da proposição, Presença ou ausência de marcador conversacional no enunciado, Tipo de verbo, Tipo de sentença, Tipo de constituinte pós-verbal, Tipo de sujeito, entre outros.

O emprego da variante NEG2, infrequente na fala paulistana (com base no *corpus* coletado), revela-se correlacionada à Escolaridade, à Geração, ao Tipo de ativação da informação proposicional no discurso, à ausência de marcador conversacional no enunciado ou de outro termo negativo na sentença. Não foi verificada diferenciação no seu uso por parte de homens e mulheres, e não há indicativo de mudança (em tempo aparente). Esses e outros resultados vêm apresentados no Capítulo 4.

Capítulo 1. A NEGAÇÃO

Em PB há, pelo menos, três maneiras de se negar uma sentença (Roncarati, 1996; Barme, 2005; Schwenter, 2005; Ilari & Basso, 2006). Uma sentença afirmativa como “Gosto de chocolate”, por exemplo, pode ser negada das seguintes formas:

- 4 Não gosto de chocolate.
- 5 Não gosto de chocolate não.
- 6 Gosto de chocolate não.

Pode-se dizer que essas sentenças diferem somente quanto à colocação do elemento negativo *não*. Contudo, é possível produzir, em português, sentenças com outros elementos negativos (e com sentidos diferentes). Estas não são objeto do presente estudo:

- 7 Não gosto de chocolate nunca.
- 8 Não gosto nada de chocolate.
- 9 Não gosto de nada de chocolate.

Os exemplos (7) a (9) veiculam sentidos diferentes daqueles de (4) a (6). A sentença em (7) apresenta uma noção de frequência expressa pelo advérbio *nunca*, ao passo que (8) apresenta uma noção de intensidade expressa por *nada*, na função de advérbio. Observação semelhante pode ser feita para (9) que, diferentemente dos anteriores, não apresenta um segundo advérbio negativo que se adjunge ao sintagma verbal (como *nunca* e *nada*). Aqui, apesar de haver dois elementos negativos (o advérbio *não* pré-verbal e o pronome indefinido *nada*), este segundo é parte do objeto de gostar, especificado por *de chocolate*.

Alguns autores documentam ainda a estrutura em (10b) do par abaixo (Marroquim, 2008 [1945], Schwenter, 2005; Noll, 2008). Veja-se que, apesar de os autores considerarem que as duas estruturas apresentam o sentido veiculado em (10a), o pronome *ninguém* já possui sentido negativo e não obriga a presença do advérbio de negação.

- 10 a. Ninguém gosta de chocolate.
 b. Ninguém não gosta de chocolate.

Na trilha de diferentes estudos sobre aquelas três estruturas iniciais (por exemplo, Schwegler, 1991 *apud* Mello et al., 1998; Roncarati, 1996; Barme, 2005, Schwenter, 2005), este trabalho vai se referir a elas, respectivamente, como NEG1, NEG2 e NEG3: a negação pré-verbal [Neg V] em (4) '*Não gosto de chocolate*'; a negação dupla [Neg V Neg] em (5) '*Não gosto de chocolate não*'; a estrutura pós-verbal [V Neg] em (6) '*Gosto de chocolate não*'.

Muito embora NEG1, NEG2 e NEG3 sejam equivalentes entre si e efetivamente empregadas como variantes em alguns contextos (conforme este trabalho esclarece mais adiante), alguns autores apontam para diferenças entre elas – em termos de frequência de uso, por exemplo, mas também em termos de registro (mais ou menos formal) e de distribuição geográfica.

NEG1 costuma ser descrita como a forma mais comum e preferida na norma culta e em textos escritos, em PB (Ilari & Basso, 2006):

- 11 D1: Você, tanto pela percepção espírita, ou mesmo pela percepção física mesmo, você acha que você consegue perceber então a diferença?
S1: Sem dúvidas, sem dúvidas. É que **as pessoas NÃO se atentam pra isso**. Quando você começa a estudar os fenômenos espirituais, você vê a relação espírito-matéria. Então para você entender como que arroz, feijão e batata vira você, como nós somos inteligentes, então a matéria tem comando inteligente. A matéria é burra por si, então ela tem que ter comando inteligente. [M3+01]

NEG2 – em (12) – e NEG3 – em (13) – parecem ser mais comuns na língua falada e em registros menos formais (Ilari & Basso, 2006). Outros estudos (Marroquim, 2008 [1945]; Schwenter, 2005) apontam ainda para uma possível distribuição de caráter dialetal dessas variantes (cf. item 1.1):

- 12 D1: Você morava com seus pais ainda?
S1: Morava, era assim, se eu pagava quinhentos de faculdade, eu comprava de material, assim, por mês, uma faixa de cento e cinquenta, duzentos. Caneta de nanquim, era papel canson, era papel amanteigado – nossa! –, tinta tela. Nossa!, era coisa assim. Outro mundo! Gastava dinheiro que nem uma doida lá, mas fiz minha faculdade, me formei. Continuei trabalhando na faculdade de Filosofia, né? Aí falei: não, agora chega, **NÃO vou mais fazer faculdade NÃO**. [F3+01]
- 13 D1: Bagunceiro os três?
S1: O K. tem um aninho, vai fazer um ano ainda, mas eles têm outros primos que é assim da família do meu ex-marido - que me chama de tia ainda -, mãe e pai dos filhos deles. É quase oito anos me chamando de tia, mora tudo do lado assim também.
D1: Hum... e brinca na rua assim todos juntos?
S1: Brincam
D1: E estuda tudo na mesma escola?

S1: Não, estudam em escola... tipo, em outra escola. **Coloquei junto NÃO.** [F1-01]

As diferenciações nos empregos dessas estruturas têm na sua base a consideração de que se trata de três formas variantes que integram uma variável sociolinguística – ou seja, o presente trabalho entende que NEG1, NEG2 e NEG3 são linguisticamente indiferentes (em alguns contextos), mas que seu uso pode ser socialmente significativo. Os contextos em que formas linguísticas são empregadas variavelmente com o mesmo sentido integram o que a Sociolinguística Variacionista (Labov, 2006 [1966], 2008 [1972]) chama de “envelope de variação”. A análise de dados que permite verificar a definição de tal envelope é feita mais adiante, no item 1.2.

São pouco numerosos os trabalhos de natureza variacionista que enfocam a negação. Por outro lado, essa estrutura já foi amplamente estudada histórica, dialetológica e formalmente. A seguir, apresenta-se uma breve revisão de alguns desses estudos.

1.1. Estudos sobre a negação

Sabe-se que no francês contemporâneo falado, duas estruturas de negação coexistem (Barthe, 2005; Schwenter, 2005); elas são semelhantes a duas daquelas do português³:

14 Je ne dis pas. (Eu não digo.)

15 Je dis pas. (Eu não digo.)

A partir de uma afirmação como *Je dis* ‘eu digo’, são possíveis as sentenças negativas (14) – em que a estrutura negativa é descontínua (*ne V pas*, semelhante a NEG2) – e (15) – em que há apenas um elemento negativo após o verbo (semelhante a NEG3).

Estudos diacrônicos (Jespersen, 1917) indicam que essas duas estruturas no francês são mais recentes que aquela equivalente a NEG1. A negação exclusivamente pré-verbal, exemplificada em (16), “resultaria” de um processo conhecido como Ciclo de Jespersen. Segundo o autor, a negação em francês antigo (falado durante a Idade Média) era inicialmente apenas pré-verbal:

³ Os exemplos para o francês foram extraídos do trabalho de Jespersen (1917: 7).

O elemento *ne* teria perdido sua tonicidade de forma gradativa⁵, possibilitando a inserção do que se chamou um reforço fonológico na estrutura que era realizado por diversos elementos: *mie* ‘farelo/migalha’, *point* ‘ponto’, *pas* ‘passo’ (Jespersen, 1917: 7).

O elemento átono *ne* teria seguido em seu processo de gramaticalização, passando a funcionar como um prefixo, uma espécie de desinência de negação. Jespersen (1917) documenta uma fase na qual a ocorrência conjunta dos elementos pré e pós-verbais se torna obrigatória, de forma que o paradigma na língua francesa passa de negação pré-verbal [*ne* V] para negação dupla [*ne* V *pas*], tônica em seu último elemento (a sentença em 14).

No entanto, o enfraquecimento fonológico do elemento pré-verbal teria continuado a progredir como um “desgaste”, acabando como “zero” fonológico, como em vários casos de gramaticalização de afixos (Lehmann, 1982; Hopper, 1991 apud Gonçalves & Carvalho, 2007). Assim teria emergido a estrutura negativa em (15), comum nos registros familiares do francês falado.

De acordo com o que descreve Jespersen (1917), o ciclo diacrônico dessas estruturas pode ser assim representado:

$$(a) \text{ Neg V} \rightarrow (b) \text{ Neg V Neg} \rightarrow (c) \text{ V Neg}$$

No caso do francês, tal mudança estaria numa etapa intermediária, em que as estruturas (b) e (c) coexistem:

$$(a) \text{ Neg V} \rightarrow (b) \text{ Neg V Neg} \Leftrightarrow (c) \text{ V Neg}$$

De forma similar ao francês, em PB, as três estruturas negativas também se diferenciam quanto ao(s) elemento(s) negativo(s) em relação ao verbo. Schwenter (2005) afirma que o PB é a única das línguas românicas cuja variabilidade na estruturação da negação conta com três variantes – de modo que se configuraria também uma fase do Ciclo de Jespersen.

⁴ Segundo Jespersen (1917: 7), grafia antiga para **je ne dis*.

⁵ Jespersen (1917) aponta ainda a queda do *e* em *ne*. A construção *je ne dis pas*, por exemplo, pode ser pronunciada *je n' dis pas*.

NEG1 ⇔ NEG2 ⇔ NEG3

Este trabalho limita-se a lidar com dados sincrônicos (conforme já se indicou na introdução a este volume), mas temos aqui, inegavelmente, uma evidência diacrônica e interlinguística a favor da possibilidade de abordar essas estruturas como variantes de uma variável. O fato de um fenômeno linguístico apresentar um desenvolvimento progressivo de formas ao longo da história, como os exemplos indicaram, permite que se obtenha não apenas relatos de variação em períodos diferentes (variantes coexistentes), mas também que se ateste a mudança linguística por meio da variação.

As formas que deram origem, por exemplo, ao pronome *você* e *cê* - objeto de outro estudo sobre a fala paulistana (Nascimento, 2011) – variaram entre si em diferentes momentos históricos. Portanto, a progressão

Vossa Mercê > vossemecê > voss'mecê > vomecê, vom'cê > vôle (você) > você
(p. 12)

retrata, além da variedade de formas, a mudança linguística.

Além do francês e do português brasileiro, outras línguas também apresentam mais de uma estrutura possível para a negação. É o que se observa, por exemplo, nas variedades do português de Angola e de São Tomé, que apresentam negação pré-verbal e negação dupla (Mello et al., 1998; Schwegler, 1998).

Podem-se encontrar exemplos de variação também em italiano, como as formas [*non V*] e [*non V mica*] (Schwenter, 2005); no palenquero, falado na Colômbia, [*nu V*] e [*nu V nu*] (Schwegler, 1998); e em línguas do grupo banto [*caná V caná*] (Mello et al., 1998; Petter, 2004; Bonvini, 2008).

Os estudos formais sobre a negação costumam focalizar aspectos como o escopo (Mioto, 1992; Ilari & Geraldi, 2006) e o fenômeno chamado de dupla negação⁶. Os estudos iniciados por Klima (1964, *apud* Brenner, 1981) buscavam dar conta de estruturas como:

17 He doesn't often really not understand.⁷

⁶ Conforme já se indicou anteriormente, diferente daquilo que se propõe estudar aqui.

⁷ “Ele frequentemente não realmente não entende” (Klima, 1964 *apud* Brenner, 1981). Tradução nossa.

Em português, os exemplos de dupla negação mais comumente investigados consistem na colocação de advérbios negativos diferentes nas posições pré e pós-verbais (Brenner, 1981)⁸ – assim como os exemplos anteriores, de (7) a (9):

- 18 Cláudia não sai nunca.
 19 Cláudia não viaja jamais.
 20 Cláudia não viu nada.
 21 Ninguém não veio.

Por vezes também citam-se, como exemplos de dupla negação (Barme, 2005), casos em que o emprego de dois elementos negativos resulta numa afirmação, como em (22), paragrafada em (23):

- 22 Eu não quero não me lembrar do dia de hoje!
 23 Eu quero me lembrar do dia de hoje!

Observe-se que o segundo *não* toma como escopo o predicado cujo núcleo verbal é *lembrar*. Tomar (22) como um dos casos de negação dupla que constituem o interesse deste trabalho só é possível com a interpretação de que o segundo *não* tenha como escopo o verbo *querer* (e não o verbo *lembrar*), como esclarecem os exemplos abaixo, com seus diferentes constituintes destacados.

- 24 [Eu não quero [não me lembrar do dia de hoje!]] (leitura em (23))
 25 [Eu não quero não [me lembrar do dia de hoje!]] (NEG2)

Para o exemplo em (25), é possível realizar-se a paráfrase em (26), mas o mesmo não ocorre para o exemplo em (24).

- 26 [Eu não quero [me lembrar do dia de hoje] não!] (NEG2)

Alguns trabalhos se interessam ainda pelas possíveis origens das estruturas NEG2 e NEG3 em PB e aventam a hipótese de que elas provêm de contatos entre o português e línguas dos grupos kwa e banto (Mello et al., 1998; Bonvini, 2008). Pedro Dias (1697, *apud* Bonvini, 2008) relata com espanto acerca da variante NEG2 falada no Brasil, exemplificando estrutura similar em sua gramática do quimbundo:

Tem o verbo negativo a mesma conjugação que o verbo, Cuzóla, de que fallamos, ao qual acrescentando esta palavra Caná, antes, ou depois do verbo,

⁸ Os exemplos (18)-(20) foram extraídos de Brenner (1981); (21) foi extraído de Noll (2008).

fica negativo. v.g. Canangazóla, não amo, Canáנגgiba, não matei. Porém posta antes, & depois do verbo, nega com efficacia. v.g. Canáנגagiba caná, não matei não. (Pedro Dias, 1697 *apud* Bonvini, 2008: 38).

Não há, contudo, consenso sobre a origem de NEG2 no PB. Alguns autores, como Mello (*apud* Mello et al., 1998) e Noll (2008), defendem que essa forma (denominada “negação repetitiva” no trecho abaixo) é oriunda do próprio português antigo.

A negação repetitiva na língua coloquial brasileira (*não quero não*) é também um arcaísmo, que ocorre em épocas antigas do português. A construção exercia originalmente uma ênfase, por meio da repetição pós-verbal, atuante como no francês antigo. (Noll, 2008: 252)

Sob o aspecto dialetológico, NEG2 e, principalmente, NEG3 são por vezes apontadas como variantes características do falar nordestino brasileiro ou afro-brasileiro (Marroquim, 2008 [1945]; Schwegler, 1991 *apud* Mello et al., 1998; Barme, 2005; Schwenter, 2005; Cavalcante, 2007). Dessa forma, elas chegam a ser empregadas em textos literários que buscam retratar personagens e costumes da região (Marroquim, 2008 [1945]; Ramalho, 1998).

Os estudos acima abordam a negação a partir de diversos ângulos, a fim de descrever ou explicar um ou outro aspecto acerca das diferentes estruturas que se apresentam. Chega-se a falar em termos de “ênfase” – o que permitiria dizer que a negação dupla é “pragmaticamente diferente” de NEG1, por exemplo. O presente trabalho, contudo, debruça-se sobre esses fatos linguísticos a partir de uma perspectiva variacionista – nesse sentido, convém verificar se especificidades pragmáticas representam restrições (variáveis ou categóricas) ao emprego de uma ou de outra forma.

Por outro lado, uma vez que esta pesquisa se utiliza de ocorrências de NEG1, NEG2 e NEG3 na fala paulistana (como variantes de uma mesma variável em determinados contextos), interessa saber como elas são empregadas. Em outras palavras, uma vez que se definem os contextos linguísticos em que os empregos dessas formas podem ser descritos como indiferentes, objetiva-se verificar se há diferenciações sociais (além de linguísticas) no seu emprego.

Dessa forma, este trabalho deverá contribuir, de maneira mais geral, para conhecimento acerca da negação na fala paulistana – uma variedade que ainda se pode considerar pouco estudada sociolinguisticamente (Mendes, 2011; Oushiro, 2011;

Mendes & Oushiro, 2012). Graças à natureza da amostra de dados (cf. Capítulo 2), será possível verificar, por exemplo, quão frequente ou quão restrito é, na fala do paulistano, o emprego das formas NEG2 e NEG3.

Os resultados da análise quantitativa dos dados são organizados no Capítulo 4. As hipóteses (aventadas no formato de “grupos de fatores” – as variáveis independentes do estudo) são descritas no Capítulo 3, mas é já no item a seguir que os dados começam a ser “organizados”, à medida que se definem os contextos em que as três estruturas negativas podem, potencialmente, funcionar como variantes.

1.2. NEG1, NEG2 e NEG3 como variantes de uma variável

Os trabalhos de pesquisa variacionista buscam descrever e explicar o emprego das variantes de uma variável pelos falantes de uma comunidade de fala. Uma variável se define pela indiferença linguística (ou seja, equivalência semântica) das variantes e, para que se justifique uma análise quantitativa de suas ocorrências numa amostra de fala (com vistas a apreender padrões de uso), é preciso que se ateste se as formas linguísticas são de fato empregadas indistintamente, ao menos em alguns contextos.

Por exemplo, a alternância entre as líquidas /l/ e /r/ é linguisticamente indiferente em contextos de sílabas complexas, em palavras como *at[l]eta/at[r]eta* ou *bicic[l]eta/bicic[r]eta* (Mollica e Paiva, 1991). É claro que essa equivalência linguística pode ser acompanhada de valores sociais muito distintos: o rotacismo de [l] nesses contextos tende a ser percebido, em PB, sobretudo entre os mais escolarizados e nos grandes centros urbanos, como indicativo de baixa escolaridade. Evidentemente, contudo, há contextos linguísticos em que a alternância entre [l] e [r] “não é possível”, ou, melhor dizendo, não configura um caso de variação linguística nos mesmos termos. Se “fulo” é pronunciado como “furo” (ou vice-versa), entende-se que ocorre aí um problema de articulação. Em outras palavras, [l] e [r] não parecem ser intercambiáveis em contexto de ataque.

Em casos de variação fonética como esse, a verificação qualitativa dos contextos em que dois segmentos são de fato intercambiáveis é um exercício mais direto, menos desafiador que aquele que se faz necessário quando as variantes integram variáveis “além” do nível fonético-fonológico. Oushiro (2011), por exemplo, precisou se

perguntar, no que diz respeito às interrogativas “Você mora onde?” e “Onde você mora?”, se elas de fato significam exatamente a mesma coisa. O exercício empírico que segue tal questionamento deve verificar, por exemplo, se um mesmo falante, num mesmo tipo de conversa, de preferência com um mesmo verbo e com um mesmo interrogativo (como nos exemplos acima) factualmente emprega as duas estruturas. Esta seria uma evidência a favor de que as formas diferentes são equivalentes e funcionam como variantes de uma variável – evidência esta que fica mais forte se o seu emprego se reiterar na fala de diferentes informantes, numa amostra de uma comunidade (evidentemente, neste caso, quanto maior a amostra, mais força terá a evidência).

Lavandera (1978) e Labov (1978) já se haviam debruçado sobre essa problemática nos e para os estudos sociolinguísticos. Lavandera (1978) questiona o modo como se argumenta a favor de uma variável sintática, uma vez que, segundo a autora, diferentes estruturas sintáticas apresentariam, também, significados diferentes. Dado que sob tal perspectiva o princípio de equivalência semântica não comporta tão facilmente a variação sintática, Lavandera (1978) propõe substituí-lo pelo conceito de comparabilidade funcional.

A partir dessa proposta, as estruturas a seguir – uma na voz ativa e outra na voz passiva – poderiam ser admitidas como variantes de uma mesma variável independentemente de considerações acerca da equivalência semântica.

27 *The liquor closet was broken into.* 'O armário de bebidas foi arrombado'

28 *They broke into the liquor closet.* 'Arrombaram o armário de bebidas'⁹

Contudo, Labov (1978) reafirma a importância de se estabelecer um envelope de variação com atenção à equivalência semântica, observando não só a possível variação entre as estruturas (sintáticas ou não), mas também em que contexto tal variação de fato ocorre.

Da mesma forma que nos exemplos acima, é necessário questionar se NEG1/2/3 constituem alternativas de se dizer a mesma coisa – ou seja, se são variantes de uma variável. Veja-se o seguinte trecho de entrevista:

⁹ Os exemplos originais em inglês são de Lavandera (1978), ao passo que a tradução para os exemplos são de Oushiro (2011).

- 29 D1: Não sofreu nenhum assalto, nada assim?
 S1: Nada! Eu acho que também o cara para me assaltar tem que ser meio...
 D1: Não é?
 S1: Tem que ser meio, meio...
 D1: É que você é bem alto!
 S1: Eh, então, o cara não... nunca sofri nada. Meu sobrinho já sofreu aqui na porta de casa, um cara roubou uns amigos nossos que estava ali
 D1: Isso seu sobrinho mais velho aqui?
 S1: Isso, tem vinte e dois anos. Fazem uns oito, nove anos, e foi um absurdo, foi um comentário, foi um dos primeiros assaltos que a gente viu aqui. Mas assim, aqui nessa região **a gente NÃO escuta muito NÃO...** assalto essas coisas, mas sabe que tem, né? [M1+01]

Pode-se perguntar se, no lugar da negação com *não* pré e pós-verbal (NEG2) na sentença em negrito poderia ter ocorrido, alternativamente, as estruturas NEG1 ou NEG3, como sugere (30) abaixo

- 30 a. a gente **NÃO escuta** muito... (NEG1)
 b. a gente escuta muito **NÃO**... (NEG3)

Como NEG1 é a forma mais antiga em português (Noll, 2008) e parece ser aquela mais frequentemente empregada (Ilari & Basso, 2006), pode ser que a substituição de (29) por (30a) não cause espécie. Por outro lado, o fato de que NEG2 pareça poder ser substituída por NEG1 nesse trecho de entrevista, não significa que possa sê-lo em qualquer caso. Além disso, pode ser que o emprego da estrutura NEG3 possa soar estranho ou inesperado e, na prática sociolinguística, evitado num grande número de contextos - nesse caso, seria dito que, se por um lado a variação pode ser proposta, por outro ela pode não ser atestada factualmente.

Abaixo seguem dois trechos de conversa com uma mesma informante em que o verbo *ter*, em sentido existencial, compõe ora estrutura NEG1 – em (31) –, ora estrutura NEG2 – (32).

- 31 S1: Eu fui atendida bem. Agora, a única coisa que eu achei ruim mesmo é quando foi para atende a minha mãe, né? Eh, isso foi...
 D1: E tipo, você conhece outros casos que aconteceu a mesma coisa assim que com a sua mãe?
 S1: Assim, como a minha mãe, única pessoa que eu conheço, assim mesmo é a minha mãe. Qualquer pessoa, todo mundo sempre fala que vai no hospital, fala que vai marcar uma consulta, **NÃO tem vaga**. Se tem vaga, fala que você tem que ficar esperando na fila, tem que fica esperando senha por senha [F1-01]
- 32 D1: Ah, que legal! E você gosta do seu bairro? Tem alguma coisa para contar sobre o seu bairro?
 S1: Ahn, do meu bairro... a única coisa que eu tenho para contar mesmo é que deveria ter, como é que fala? Eh, parque para as crianças, porque tem...

D1: Por que tem muita criança?

S1: É! Tem muita criança e não tem, assim... O único lugar mesmo que tem para as crianças brincar é pra USP. Eh, para brincar. Agora, porque lá NÃO tem NÃO. Eh, deveria ter, né? [F1-01]

As ocorrências em (31) e (32) podem ser tomadas como boas evidências da opcionalidade entre pelo menos NEG1 e NEG2 – evidências estas melhores que os exemplos em (30), já que se trata de ocorrências reais, na fala de uma mesma informante. De qualquer modo, se é possível considerar que qualquer dessas formas cabe nesses trechos de entrevista, permanece a pergunta sobre se há contextos em que as três estruturas negativas não são, todas, igualmente possíveis – ou seja, se há contextos em que elas não funcionam como variantes de uma variável. Se a resposta for sim, é preciso esclarecer o que caracteriza tais contextos, que não integrariam o chamado envelope de variação.

Sobre a questão da opcionalidade entre essas formas, a literatura disponível não é tão clara. No âmbito dos estudos que se empenham em descrever as diversas características do PB ou de algumas de suas variedades, a menção ao fenômeno da estruturação variável da negação raramente explora possíveis restrições de uso para uma ou outra forma além do nível de fala, ou seja, da formalidade do contexto em que se dá uma interação (Ilari & Basso, 2006; Noll, 2008).

A língua coloquial brasileira prefere a forma repetitiva da negação (*não quero não*), que pode restringir-se também à negação pós-verbal (*quero não*). (Noll, 2008: 90)

No entanto, outros trabalhos, nos quais se focalizam especificamente a negação e suas variantes, afirmam que há restrições de uso para algumas estruturas, principalmente em temos discursivo-pragmáticos.

1.2.1. Modelo de restrições discursivo-pragmáticas

Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (2001) entendem que NEG2 pode ocorrer no discurso quando se nega uma pressuposição – de modo a se quebrar uma expectativa, isto é, quando aquilo que se nega é previamente compartilhado entre os interlocutores, seja por se conhecerem, por saberem o que o outro fez ou deixou de fazer durante o dia, seja simplesmente por terem crescido num mesmo país e, portanto, compartilharem informações sobre, por exemplo, quem ocupa o cargo de presidente.

Essas informações previamente compartilhadas compõem uma espécie de *fundo comum* entre os participantes da interação no que diz respeito a certos conhecimentos de mundo. De acordo com Givón:

Sentenças negativas configuram um ato de fala diferente daquele de suas afirmativas correspondentes. Afirmativas são usadas para transmitir uma informação nova, assumindo que o interlocutor é ignorante em relação a ela. As negativas são usadas para corrigir inferências equivocadas, assumindo um erro por parte do interlocutor. (Givón, 1979: 139, *apud* Horn, 1989: 73) (Tradução nossa)¹⁰

Entretanto, para Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (2001), NEG1 excetuar-se-ia da descrição de Givón, uma vez que seu *caráter pressuposicional* seria “nulo”, diferentemente de NEG2:

Nesse elenco de percepções avaliativas sobre os usos da negação, NEG1 adquire caráter pressuposicional neutro, factual, mas NEG2 elicit informação pressuposicional adicional: ela carrega matiz de convicção sobre aquilo que se nega. (Roncarati, 1996: 99)

O exemplo de NEG2 em (33), segundo Roncarati (1996), apresentaria uma negação de caráter pressuposicional:

- 33 A: E... e... e o... nosso novo governador (na época, Tasso Jereissati)
 B: Governador? É... é, eu já num tô gostando muito dele.
 A: Não?
 B: Votei nele, **mas num tô gostando não**. (p. 99)

Para a autora, NEG2 é possível nesse trecho porque ele representaria um dos contextos que “engatilha a dupla negação NEG2, em contraste à NEG1”, inserindo no discurso, “de modo intencionalmente explícito, construções que desacreditam pressuposições contrárias e induzem o interlocutor a se sentir naturalmente desafiado ou desacreditado” (Roncarati 1996: 98).

NEG3, por outro lado, seria “permitida” no (e pelo) discurso sempre que uma proposição fosse diretamente ativada, ou seja, expressa anteriormente na interação por um dos interlocutores. O fato de, quase sempre, o verbo de uma estrutura NEG3 ser uma repetição do verbo da proposição diretamente ativada no discurso comprovaria uma restrição dessa natureza, como exemplifica o trecho reproduzido de Roncarati (1996: 97):

¹⁰ *Negative declarative sentences constitute a different speech act than the corresponding affirmatives. Affirmatives are used to convey new information on the background of assuming the hearer's ignorance. Negatives are used to correct misguided belief on the background of assuming the hearer's error.*

- 34 A: Seu salário melhorou?
 B: **Melhorou NÃO.** Este aumento que ele disse que ia sair, até agora eu não ouvi falar não.

Diferentemente dos trabalhos acima, Schwenter (2005) constata que assumir um caráter pressuposicional para NEG2 não é suficiente para explicar as ocorrências dessa estrutura. Para ele, NEG2 e NEG3 não negam uma pressuposição (fundo comum, compartilhado), mas, sim, uma proposição ativada no discurso. Em outras palavras, pode-se dizer, de acordo com o autor, que é imprescindível que a proposição que está sendo negada tenha “aparecido” (de maneira direta ou indireta, como se verá a seguir) anteriormente na interação.

O trecho de conversa apresentado acima em (29) e retranscrita abaixo em (35) ilustra um caso de NEG2 em que a negação destacada não nega uma pressuposição. O documentador (D1) não tinha como compartilhar, naquele momento da conversa, da informação de que *não se escuta muito falar de assalto naquele meio*.

- 35 D1: Não sofreu nenhum assalto, nada assim?
 S1: Nada! Eu acho que também o cara para me assaltar tem que ser meio...
 D1: Não é?
 S1: Tem que ser meio, meio...
 D1: É que você é bem alto!
 S1: Eh, então, o cara não... nunca sofri nada. Meu sobrinho já sofreu aqui na porta de casa, um cara roubou uns amigos nossos que estava ali
 D1: Isso seu sobrinho mais velho aqui?
 S1: Isso, tem vinte e dois anos. Fazem uns oito, nove anos, e foi um absurdo, foi um comentário, foi um dos primeiros assaltos que a gente viu aqui. Mas assim, aqui nessa região **a gente NÃO escuta muito NÃO...** assalto essas coisas, mas sabe que tem, né? [M1+01]

Nesse caso, a proposição que está sendo negada não é de natureza pressuposicional, ou seja, oriunda de um fundo comum compartilhado pelos interlocutores. Na verdade, a proposição que subjaz à estrutura NEG2 do exemplo (*escutar muito [sobre] assalto na região*) é inferida pelo próprio falante e originada do conteúdo da conversa.

Diante de observações desse tipo, Schwenter (2005) utiliza os conceitos de Prince (1992) de “estatuto do discurso” e “estatuto do interlocutor”¹¹. Para Prince (1992), tais estatutos podem ser de dois tipos numa interação: “novo” ou “velho” – conforme tenham sido, respectivamente, recentemente mencionados na interação ou já

¹¹ Respectivamente, *discourse status* e *hearer status*.

previamente apresentados¹². Segundo essa proposta, os mesmos estatutos podem ser aplicados ao interlocutor, resultando em “interlocutor novo” ou “interlocutor velho” - este é alguém com quem já se estabeleceu uma interação, enquanto aquele é um interlocutor recente.

Com base nisso, Schwenter (2005) analisa ocorrências de NEG2 em PB e afirma que uma proposição só pode ser negada com tal estrutura se seu estatuto discursivo for “velho”. Ou seja, basta que uma proposição seja “evocada” no discurso para que NEG2 seja uma alternativa possível, independentemente do estatuto do interlocutor. Uma vez que o conceito de discurso para Prince é bastante amplo (Schwenter, 2005), esse estatuto de “discurso velho” pode ser relacionado não só a estímulos linguísticos, mas também situacionais, incluindo-se aí o ambiente, gestos etc.

A fim de tornar sua proposta mais precisa, Schwenter (2005) afirma que NEG2/3 na verdade indexam o estatuto informacional da proposição que está sendo negada. Assim, para sua análise, o autor apresenta um modelo de restrições discursivo-pragmáticas para a realização das variantes e estabelece, com esse fim, três tipos principais de estatuto informacional, partindo do trabalho de Dryer (1996): informação nova, proposição indiretamente ativada, proposição diretamente ativada.

Uma proposição pode apresentar o estatuto de *informação nova* quando não há, no discurso, nada que a “evoque”. Nos termos de Prince (1992), tal proposição configuraria algo “novo no discurso”. Se NEG2/3 indexam uma proposição já ativada (ou seja, algo “velho no discurso”), elas não podem ser realizadas num contexto de *informação nova* – caso no qual NEG1 seria a única alternativa. Assim, se NEG2/3 indexam explicitamente o estatuto informacional da proposição que está sendo negada, NEG1 não apresenta restrições de uso, exercendo, nos contextos em que a tal indexação ocorre, a mesma função e significado de NEG2/3.

No exemplo abaixo, um indivíduo que esteja andando pela rua e, de repente, lembra-se de não ter desligado o fogão, poderia produzir NEG1 (36a), mas não NEG2 (36b) (Schwenter, 2005: 1434):

- 36 a. Nossa! Eu não desliguei o fogão!
 b. Nossa! Eu não desliguei o fogão não!

¹² Em inglês, *discourse-new* ‘novo no discurso’ e *discourse-old* ‘velho no discurso’.

Da mesma forma, no trecho de entrevista em (37), a proposição *ter jiló [para alimentar os pássaros]* não foi anteriormente ativada no discurso, ou seja, introduz uma informação nova – de modo que, de acordo com esse modelo de restrições discursivo-pragmáticas, não seria possível a estrutura “*eu NÃO tinha jiló na semana passada NÃO*”, no mesmo trecho de conversa.

- 37 D1: Aí você vende pássaro, você vende ração também?
 S1: Não, não, compro ração pra dar pra eles
 D1: Tá, nossa!
 S1: Eles come, né?
 D1: Aham
 S1: Eles não... Compra jiló... **Eu NÃO tinha jiló semana passada**, que não consegui comprar. [M3-01]

Diferentemente, uma proposição pode ser *indiretamente ativada* graças a estímulos situacionais (ruídos externos, gestos, ambiente da interação etc.) ou quando o interlocutor infere uma proposição que possivelmente poderia ter ocorrido durante uma dada interação (*proposição inferida*). Nesses casos, parece possível a realização de NEG2 e NEG1, mas não de NEG3 – cujas restrições de emprego são maiores (cf. *proposição diretamente ativada*, abaixo).

Os exemplos (38) e (35) acima (*a gente NÃO escuta muito NÃO*) ilustram a negação de uma proposição inferida pelo informante. Em (38a), NEG2 traz uma proposição inferida pelo informante: *é perigoso onde moro*. Em (38b), a estrutura NEG2 se refere à proposição previamente ativada em (38a).

- 38 D1: E seus filhos brincam na rua ou não?
 S1: Brincam, mas brincam quando eu vou com eles, aí sim. Mas, para deixar assim na rua, eu tenho medo, apesar de que onde eu moro **(a) NÃO é perigoso NÃO**. As pessoas pensam que é perigoso onde eu moro, mas **(b) NÃO é perigoso NÃO** onde eu moro. Eu moro desde que eu nasci, então é... [F1-01]

Uma proposição é *diretamente ativada* quando, no discurso, é explicitamente “evocada”, seja pelo falante, seja por seu interlocutor (o documentador, no caso de uma entrevista sociolinguística). Nesse ponto, a proposta de Schwenter (2005) entra em certa consonância com as posições de Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (2001): uma proposição precisa ser diretamente ativada no discurso para que possa ocorrer uma estrutura NEG3. A proposição com esse estatuto pode ser ainda negada tanto por NEG1 (que não apresenta restrições de uso, conforme vimos acima) quanto por NEG2 (cujas restrições são, de certa forma, mais amplas que as de NEG3, pois pode ocorrer sempre que a proposição for ativada, seja direta ou indiretamente).

Em (39), abaixo, a própria informante ativa a proposição *faz nada* no início de sua fala, permitindo a ocorrência de NEG3 na sequência:

- 39 D1: E você acha que o governo faz o suficiente?
 S1: Não. Faz nada. Não faz nada mesmo. Os programas que eu vejo na televisão assim, às vezes, é uns ajudando os outros. Agora não sei. Eles fazem shows, eles falam que vai doar não sei quanto, assim, para orfanato, para instituições, entendeu? Acho bacana a parte deles estar ajudando, mas o governo mesmo faz nada NÃO. [F2-01]

Dessa forma, podem ser resumidos, com o quadro abaixo, os contextos discursivo-pragmáticos em que as estruturas de negação são possíveis¹³:

	Informação Nova	Proposição Inferida	Prop. Diretamente Ativada
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	-	OK	OK
NEG3	-	-	OK

Quadro 1. Resumo do modelo de restrições para a Negação (Schwenter, 2005)

Assim, para Schwenter (2005), o *não* pós-verbal indica que a proposição que está sendo negada já foi ativada no discurso. Em outras palavras, com NEG2 e com NEG3 sempre se está retomando uma proposição anterior. Nesses casos, NEG1 também pode ocorrer. Portanto, sempre que NEG3 é possível, NEG2 também o é (e NEG1 também). Quando NEG2 é possível, não necessariamente NEG3 poderia figurar no mesmo contexto (mas NEG1 sim). Finalmente, nem sempre quando NEG1 é possível, NEG2 e NEG3 também o são.

A proposta de Schwenter (2005) é aqui tomada, então, no sentido de definir o envelope de variação, a fim de se poder proceder a uma análise quantitativa das formas NEG1, NEG2 e NEG3. O modelo de restrições apresentado por Schwenter (2005) permite ir além de uma comparabilidade funcional das formas variantes, na medida em que se reconhecem os contextos em que essas formas podem de fato ser empregadas com o mesmo significado. Essas três estruturas, portanto, não são apenas diferentes modos de negar uma afirmação, mas obedecem a regras contextuais que definem quando uma forma é genuinamente intercambiável com outra, em virtude de sua equivalência semântica.

Tal equivalência se revela possível, portanto, em dois envelopes distintos, conforme indica o quadro abaixo:

¹³ Adaptado de Schwenter (2005: 1452).

	SEM VARIAÇÃO	ENVELOPE 1	ENVELOPE 2
	Informação Nova	Proposição Inferida	Prop. Diretamente Ativada
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	-	OK	OK
NEG3	-	-	OK

Quadro 2. Envelopes 1 e 2 para a Negação Sentencial

O “envelope 1” compreende os casos em que as proposições negadas são inferidas (nos quais NEG1 e NEG2 podem ser empregadas, mas não NEG3). Já o “envelope 2” se refere aos casos em que a proposição que está sendo negada foi diretamente ativada no discurso anterior (nos quais todas as três formas são possíveis).

1.2.2. Envelope “paulistano”

Os dados extraídos da amostra de fala paulistana (48 entrevistas, conforme indica a introdução e descreve o Capítulo 2 a seguir) permitem levantar questionamentos sobre as restrições para NEG3 na proposta de Schwenter (2005).

- 40 D1: Bagunceiro os três?
S1: O K. tem um aninho, vai fazer um ano ainda, mas eles têm outros primos que é assim da família do meu ex-marido - que me chama de tia ainda -, mãe e pai dos filhos deles. É quase oito anos me chamando de tia, mora tudo do lado assim também.
D1: Hum... e brinca na rua assim todos juntos?
S1: Brincam
D1: E estuda tudo na mesma escola?
S1: Não, estudam em escola... tipo, em outra escola. **Coloquei junto NÃO.** [F1-01]
- 41 D1: E tem crianças na sua... ali perto da sua casa que estudam lá nessa escola? Estão lá?
S1: No CEU não. **Conheço NÃO** [F2-01]

Os trechos em (40) e (41) permitem questionar se NEG3 de fato só pode ser empregada com uma proposição que tenha sido diretamente ativada (nos termos definidos pelo autor, nos quais quase sempre o verbo a ser negado é o mesmo da proposição ativada).

Nesses exemplos, NEG3 se aplica a proposições muito diferentes daquelas que foram diretamente ativadas no discurso. Em (40) e (41), as proposições que estão sendo negadas são, respectivamente, “*colocar [os meninos] junto[s] [na escola]*” e “*conhecer os meninos que estão lá nessa escola*”. Por outro lado, as proposições que foram ativadas anteriormente no discurso são muito distintas: “*as crianças estudam na mesma escola*”, em (40), e “*tem crianças que estudam lá nessa escola*”, em (41). Segundo o

modelo acima, a expectativa seria que NEG3 viesse com a mesma proposição do discurso anterior – “*estudam não*” e “*tem não*”, respectivamente.

Desse modo, os dois exemplos acima servem de base para uma nova hipótese, a partir de dados do português paulistano, diferente daquela aventada por Schwenter (2005) para o PB, com base, sobretudo, em dados da fala do Rio de Janeiro. NEG3 parece ser possível também em casos cuja proposição que está sendo negada é inferida (e não, necessariamente, diretamente ativada). Em outras palavras, a análise qualitativa dos dados do *corpus* organizado para o presente trabalho fornece evidência a favor da adaptação do modelo de restrições para NEG2/3 e, conseqüentemente, da adequação dos envelopes acima apresentados, de acordo com o quadro abaixo:

	SEM VARIAÇÃO	ENVELOPE DE VARIAÇÃO	
	Informação Nova	Proposição Inferida	Prop. Diretamente Ativada
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	-	OK	OK
NEG3	-	(OK)	OK

Quadro 3. Reformulação do modelo de Schwenter (2005) para a variedade paulistana

É da maior importância considerar, contudo, que a proposta de restrições discursivo-pragmáticas para NEG3 tem sido formulada com base em pouquíssimas ocorrências. Schwenter (2005) admite trabalhar com um número muito reduzido de dados de NEG3 e, aqui, a distribuição de dados não permite algo diferente.

O mesmo quadro de baixa frequência relativa de dados de NEG3 se dá em outros trabalhos, como os de Roncarati (1996), sobre a fala da cidade de Fortaleza/CE (4,7%), e Furtado da Cunha (2001), em Natal/RN (apenas 0,6%). Na amostra utilizada no presente trabalho, a distribuição dos dados não é muito distinta: foram verificadas apenas 4 ocorrências de NEG3, que representam menos de 1% do total de dados.¹⁴

NEG1	NEG2	NEG3	Total
5279	324	4	5607
94%	5,8%	0,2%	100%

¹⁴ Este trabalho atém-se mais detalhadamente à descrição quantitativa dos dados no capítulo 4, em que será retomada a distribuição de dados apresentada neste item e serão analisados os resultados estatísticos para a variável Negação.

Quadro 4. Distribuição geral dos dados de NEG1, NEG2 e NEG3 na Amostra GERAL

As frequências dessas três variantes são muito discrepantes na Amostra GERAL – lembrando-se de que estão sendo computados apenas os dados naqueles contextos em que a variação é possível. O número de ocorrências de NEG3, como se verifica, é quase nulo. Diferentemente dessa distribuição, Schwegler (1991) encontra, num total de 204 ocorrências de sentenças negativas, 16,7% de NEG3. Schwenter (2005), contudo, atenta para o fato de que os dados extraídos por Schwegler (1991) são oriundos de duas horas de conversa a partir de um roteiro baseado em perguntas e respostas rápidas. Embora o contexto de gravação das entrevistas utilizadas no presente estudo seja muito distinto daquele encontrado em Schwegler (1991) - (cf. Capítulo 2) -, pode-se dizer que essas 48 entrevistas fornecem evidência de que NEG3 talvez seja muito pouco produtiva na fala paulistana. É claro que entrevistas sociolinguísticas, por mais que se possa argumentar a favor de que são uma boa fonte de dados reais da fala de uma comunidade, não deixam de ser entrevistas – o próprio Labov (2008 [1972]: 63) reconhece que a fala em entrevistas sociolinguísticas pode ser bem diferente do vernáculo da comunidade. Feita essa concessão, porém, é inegável que NEG3 é muito rara nessas conversas travadas com paulistanos, na forma de entrevistas.

Quanto à quantidade de dados, vale lembrar que, de acordo com Guy & Zilles (2007), é estatisticamente inviável proceder a uma análise quantitativa de dados linguísticos quando um envelope de variação devidamente definido revela uma variável ternária (com três variantes), sendo a frequência de uma delas menor que 5%. Dada a baixíssima frequência de NEG3 na amostra aqui utilizada (apenas 0,2% *contra* os 5% propostos como mínimo para um estudo quantitativo), justifica-se uma análise que desconsidera as pouquíssimas ocorrências dessa variante.

Assim, diante da constatação de que NEG3 mal ocorre no *corpus*, parece fazer mais sentido considerar que o envelope de variação, na prática, inclui “apenas” as outras duas variantes. Como ambas as estruturas de negação são possíveis tanto quando a proposição que está sendo negada foi inferida como quando ela foi diretamente ativada no discurso, temos, então, o que este trabalho denomina “envelope paulistano”, representado no quadro abaixo:

	Informação Nova	Proposição Inferida	Prop. Diretamente Ativada
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	-	OK	OK

NEG3

-

(OK)

OK

	Proposição	
	Inferida	Diretamente Ativada
NEG1	OK	OK
NEG2	OK	OK

Quadro 5. Variantes que compõem o Envelope Paulistano (em destaque)

Capítulo 2. *CORPUS* E METODOLOGIA

Toda investigação sociolinguística, em especial a de natureza laboviana, tem seu interesse voltado aos usos linguísticos em comunidade. No caso do presente trabalho, a comunidade em foco é a cidade de São Paulo, na medida em que a pesquisa sobre a variabilidade na estruturação da negação é feita em relação a certas configurações sociais da cidade.

Para que esse tipo de trabalho possa ser desenvolvido, é necessário entender um pouco a comunidade, além de coletar uma amostra de dados que seja representativa dela – dados da fala paulistana, numa versão que seja a mais espontânea possível.

A questão da representatividade de uma amostra pode ser controversa na literatura sobre *corpora* linguísticos. Em princípio, quanto mais dados se tem, melhor a amostra (McEnery & Wilson, 2001; Berber Sardinha, 2004; Berber Sardinha & Almeida, 2008). No entanto, os *corpora* disponíveis para estudos linguísticos variam muito de tamanho. Esse problema intensifica-se quando se pretende estudar uma variável específica, cujas ocorrências podem não ser abundantes, numa dada variedade.

Outro ponto importante para a representatividade de um *corpus* está em atentar para possíveis diferenças nas falas dos indivíduos. Evidentemente, um falante aleatório que se enquadre num determinado perfil sociolinguístico definido pela pesquisa pode ou não ter uma produção linguística que se aproxime daquela de outros falantes com o mesmo perfil (por exemplo, mesma idade, mesmo nível de escolaridade, habitante de uma mesma região etc.). Para garantir variabilidade também nesse sentido, é importante que uma amostra contenha mais de um informante para um mesmo perfil.

Para a realização do presente trabalho, foram gravadas entrevistas com quatro informantes diferentes para cada um dos doze perfis sociolinguísticos, definidos com base no sexo gênero, na faixa etária e na escolaridade do paulistano. Assim, o *corpus* dessa pesquisa é constituído de 48 entrevistas, que são organizadas em amostras/subamostras com intenções analíticas específicas (conforme se descreve mais adiante): Amostra GERAL e Amostra GERAL 2 (todas as 48 entrevistas), Amostra GERAÇÃO (24 entrevistas), e Amostra REGIÃO (24 entrevistas).

Embora variáveis como Bairro, Zona da cidade (norte, sul, leste, oeste e centro) e Região da cidade (central e periférica) não definam tal *corpus* quantitativamente (ou seja, os perfis sociolinguísticos do paulistano não são, aqui, definidos por essas variáveis), ele é qualitativamente assim caracterizado. É isso que possibilita agrupar entrevistas em subamostras, com base em diferentes variáveis sociais.

Este capítulo, portanto, além de esclarecer a constituição de tal *corpus* (quais são os perfis, quem são os informantes, como foram gravadas as entrevistas), oferece também uma breve descrição da cidade e de alguns de seus habitantes mais prototípicos – os paulistanos nela nascidos e criados.

2.1. São Paulo

Fundada em 1554, São Paulo localiza-se na região sudeste do país e compreende uma área de aproximadamente 1,5 mil km². É a maior cidade da América do Sul, com uma população de 11,3 milhões de habitantes. Ela é também a principal cidade da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), formada por cidades conurbadas em seu entorno, totalizando aproximadamente 19,7 milhões habitantes¹⁵. A cidade é cortada por dois grandes rios principais, Pinheiros e Tietê, ambos de importância histórica para a povoação da cidade e para o desenvolvimento hidrográfico de todo o estado.

São Paulo é a capital do estado e polo econômico do Brasil. A economia paulistana se concentra no setor de serviços, seguido do industrial¹⁶. A agricultura na cidade é quase inexistente, reservando-se a lugares bem afastados da região mais central. O excerto abaixo ilustra a magnitude com a qual a cidade é comumente descrita:

São Paulo é o principal centro financeiro, corporativo e mercantil da América Latina. É a cidade mais populosa do Brasil, do continente americano e de todo o hemisfério sul. É também a cidade brasileira mais influente no cenário global, a sexta maior cidade do planeta e sua região metropolitana, com 19 milhões de habitantes, é a quarta maior aglomeração urbana do mundo.¹⁷

Sob o aspecto socioeconômico, assim como qualquer metrópole, a cidade é conhecida por apresentar grandes contrastes. Se, por um lado, São Paulo é a cidade mais “rica” do país, por outro, apresenta regiões (distritos) como Parelheiros, em que mais de 64% da população, em 2000, detinha renda familiar de até cinco salários mínimos

¹⁵ Cf. São Paulo (Cidade), 2010.

¹⁶ Fonte: IBGE, 2010.

¹⁷ Cf. Governo Federal, 2011.

(enquanto que em outras, como no Morumbi, mais de 60% dos habitantes detinham renda de mais de 25 salários mínimos, no mesmo período)¹⁸.

Para compreender melhor o que esse contraste implica para este estudo, é preciso entender como a população se distribui no espaço geográfico da cidade. São Paulo é dividida em cinco zonas (Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro), e estas, em dezenas de distritos. Há duas maneiras de se referir ao centro da cidade: Centro Histórico, menor em área, que se urbanizou antes de outras partes da cidade (Taunay, 2004 [1954]); ou Centro Expandido, que compreende, além do anterior, regiões de grande movimentação econômica. A figura abaixo ilustra tal divisão, conforme se baseiam os trabalhos do GESOL-USP.

Figura 1. Divisão da cidade de São Paulo em Centro Velho, Centro Expandido e Periferia.

Fonte: São Paulo (2011)¹⁹.

O processo de verticalização também é mais proeminente nas áreas centrais, assim como é melhor a qualidade de vida e de serviços, o que leva a uma maior valorização do metro quadrado nessas regiões²⁰, criando-se uma oposição muito nítida entre centro e periferia. O quadro abaixo mostra a renda familiar da população residente em alguns dos diferentes distritos da cidade. Em geral, bairros afastados do centro concentram menores índices de renda familiar.

¹⁸ Fonte: IBGE, Fundação Seade, 2000. Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/msp/ren/ren1_001.htm>.

¹⁹ Adaptado de Mendes & Oushiro (2012)

²⁰ Fonte: IBGE, Instituto Seade, 2000.

Distritos/Região (C/P) ²¹	Faixas de Renda (em Salários Mínimos - SM)					
	Até 2 SM	2-5 SM	5-10 SM	10-15 SM	15- 25 SM	Mais de 25 SM
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO	13,30	24,39	25,97	11,29	10,98	14,06
Capão Redondo (P)	18,30	32,80	29,82	9,36	6,50	3,22
Consolação (C)	3,77	8,33	17,19	10,49	15,74	44,47
Grajaú (P)	22,92	35,87	28,21	7,55	4,08	1,38
Itaim Bibi (C)	3,87	6,61	12,98	8,83	14,78	52,92
Jardim Paulista (C)	2,43	4,04	11,97	9,17	16,61	55,78
Marsilac (P)	44,10	31,22	19,47	4,31	0,19	0,71
Parelheiros (P)	26,06	38,16	25,79	6,15	2,83	1,01

Quadro 6. Distribuição dos Domicílios por Faixas de Renda Familiar, segundo Distritos do Município de São Paulo (2000) - IBGE e Fundação Seade

Dados da própria Prefeitura de São Paulo corroboram as diferenças socioeconômicas entre as regiões centrais e periféricas – a partir do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS), cuja finalidade é identificar regiões de potencial risco social, ou seja, regiões em que a situação socioeconômica é limítrofe da pobreza extrema. Esse índice leva em consideração dados sobre renda, escolaridade, faixa etária do chefe da família e número de crianças por família; são seis os níveis de risco social, sendo 1 para o menor risco e 6 para o maior. O mapa abaixo apresenta a distribuição geográfica desses níveis de risco:

²¹ Os códigos (C) e (P) referem-se respectivamente a regiões mais centrais e mais periféricas da cidade de São Paulo.

Figura 2. Mapa da vulnerabilidade social na cidade de São Paulo (IPVS).
Fonte: Fundação SEADE, 2004.²²

Tal mapa deixa claro que os altos índices de risco social se concentram nas regiões periféricas. Tem-se aqui uma evidência de que, nessas regiões, é mais incidente uma população com menor renda, menor escolaridade (características associadas a classes sociais mais baixas), fatores que são comumente relacionados a usos de variantes não padrão ou estigmatizadas numa comunidade, como observam, para o caso de São Paulo, Mendes & Oushiro (2012).

Para os interesses da pesquisa sociolinguística na cidade, é importante lembrar também que a variável “Classe” têm sido tradicionalmente associada – de maneira indireta – à variável Escolaridade (Rodrigues, 2009 *apud* Mendes & Oushiro, 2012). Mais adiante, será possível ver que, graças à constituição da amostra, os resultados para

²² Elaboração: Observatório de Políticas Sociais (Prefeitura de São Paulo).

Escolaridade permitirão que se correlacione indiretamente o uso das variantes a esses fatores – Renda, Qualidade de vida, Classe social.

2.1.1. População e migração

De acordo com Taunay (2004 [1954]), pouco após sua fundação, São Paulo era casa de aproximadamente uma centena de pessoas. Até 1600, não tinha mais habitantes que uma cidade de pequeno porte:

Até 1600 não atingiria a população de São Paulo talvez a duas mil almas, entre brancos e escravos. Em 1583 declarava o procurador Álvaro Neto que a vila não passava de cem moradores. (Taunay, 2004 [1954])

No entanto, nas últimas décadas, a cidade passou a figurar entre as maiores do mundo. De 1950 a 2010, a população paulistana multiplicou-se cinco vezes: de aproximadamente 2,2 milhões de habitantes em 1950 a 11,3 milhões em 2010. O mesmo movimento é percebido na região metropolitana de São Paulo, somando, em 2010, 19,7 milhões de habitantes.

Gráfico 1. População nos anos de levantamento censitário, de 1950 a 2010 (em milhões). Fonte: IBGE, Censo demográficos.²³

Ao longo dos seus séculos de história, a cidade recebeu diversos fluxos de imigrantes, que constituem parte da identidade paulistana. No final do século XIX, por exemplo, São Paulo já tinha recebido 130 mil imigrantes italianos.

²³ Adaptado de PREFEITURA DE SÃO PAULO. Informes Urbanos – SP2040, nº 1. Setembro de 2010. Disponível em <http://sp2040.net.br/wp-content/uploads/2011/10/IU1_set_20118.pdf>

Em 1886, entraram na província 9.127 imigrantes e em 1887, 31.710 colonos, em imensa maioria italianos. E o Conde de Parnaíba, providentemente, construiu a vasta Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, como centro de distribuição destes advenas. Excelente medida, pois, em 1888, tal afluxo subiria a 92.000 pessoas desembarcadas em Santos.

(...)

Em sessenta anos recebera a Província 177.040 imigrantes dos quais 129.040 italianos, 23.794 portugueses, 3.030 espanhóis, 1.676 austríacos e alemães, 19.500 de diversas outras nacionalidades. Entre 1882 e 1887 o afluxo de imigrantes fora de 56.866 quase um terço do total dos seis decênios. E a Assembleia Provincial queria que se trouxessem cem mil novos. (Taunay, 2004 [1954])

Na segunda metade do século XX, no que tange a fluxos populacionais, observam-se a vinda de migrantes nordestinos e uma mudança na constituição da população paulistana. A migração interestadual do Nordeste para São Paulo teve seu início na década de 1950, com o aumento da necessidade de mão de obra. No entanto, o fluxo de migração intensifica-se a partir da década de 1960, momento em que grande parte da primeira geração de nordestinos chega a São Paulo. Muitos deles são homens que deixaram a família nos estados de origem. Nos anos seguintes, algumas dessas famílias mudam-se definitivamente para São Paulo.

Apesar de tal migração estar em queda desde 1970, os migrantes interestaduais continuam a vir principalmente do Nordeste. De 1970 a 1991, mais de 2,6 milhões de nordestinos haviam trocado seus estados por São Paulo. Nos quatro anos posteriores, esse número aumentaria em pouco mais de 550 mil pessoas (Cunha et al., 2000).

Entre os estados nordestinos, a Bahia é a origem da maior parte de migrantes em São Paulo, seguido por Pernambuco, Ceará, Paraíba e Alagoas. Só nesse período são quase 900 mil baianos vindos para São Paulo em busca de emprego e de uma nova vida:

Dentre os imigrantes registrados em São Paulo nas décadas de 70 e 80, constata-se que, no primeiro período, o número de imigrantes não naturais da UF chegava a cerca de 3 milhões, representando 92% do total de imigrantes do Estado, principalmente devido ao alto volume de pessoas que vinham do Nordeste. Apenas 8% representavam migrantes de retorno, principalmente devido aos volumes de emigrantes da região Sul do país. Já no período seguinte os imigrantes não nascidos no Estado foram cerca de 2,3 milhões sendo que houve um pequeno acréscimo no número de imigrantes de retorno que chega a 368 mil pessoas, ou seja, cerca de 14% do total. (Cunha et al., 2000: 71-72)

Atualmente, os reflexos desse movimento ainda são visíveis no retrato da população paulistana: aproximadamente 30% dos habitantes entre 30 e 60 anos da

cidade de São Paulo vêm de estados do nordeste e 11% são baianos²⁴. Da população total, 7,8 milhões (70%) são naturais de São Paulo, enquanto 3,5 milhões (30%) são oriundos do interior do estado ou de outras localidades²⁵. É curioso notar também que bairros considerados tipicamente nordestinos (com migrantes e paulistanos de origem migrante), como São Miguel Paulista²⁶, figuram entre aqueles cujos valores do metro quadrado são os mais baratos da cidade, dada a desvalorização do território em que essa população se concentra.²⁷

Gráfico 2. População paulistana entre 30 e 60 anos em 2010. Fonte: IPEA (2011)²⁸.

Em 2006, uma pesquisa realizada pela Fundação Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados) verificou que 80% da população de rua da cidade de São Paulo é constituída de migrantes²⁹. Do total da amostra, 41% são oriundos do nordeste, dentre os quais 12% são baianos e 11% pernambucanos – mantendo-se as proporções anteriormente apresentadas nas estatísticas³⁰. A pesquisa revela ainda que a baixa escolaridade impede que essa população ascenda socialmente, uma vez que, dos 74% que declararam trabalhar, apenas 5% possuem ocupação formal, o que permite associar, mais uma vez, a variável Escolaridade à situação social, conforme pôde se observar

²⁴ Fonte: IPEA (2011 *apud* Oushiro & Mendes, 2012).

²⁵ Fonte: IBGE – Censo 2010.

²⁶ Fontes, 2008 *apud* Nozaki, 2009.

²⁷ Fonte: IBGE, Fundação Seade, 2000.

²⁸ Adaptado de Oushiro & Mendes (2012).

²⁹ Pesquisa amostral entre dezembro/2005 e janeiro/2006. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_social/pesquisas/index.php?p=2013>.

³⁰ Cf. os dados apresentados por Cunha et al. (2000) e Gráfico 2.

mais acima com os dados sobre os valores dos bairros e o índice de vulnerabilidade social.

Esses dados sobre a população de São Paulo reforçam o caráter multicultural da cidade e sua complexidade etnográfica. A presente pesquisa sociolinguística detém-se aos paulistanos que se podem reconhecer como mais “prototípicos”, ou seja, nascidos e criados na cidade (Mendes, 2011; Mendes & Oushiro, 2012). Entretanto, muitos desses paulistanos são filhos de pais oriundos de outras localidades; tal fato refletiu no *corpus* coletado e utilizado no presente estudo e vai ser aproveitado nas análises.

2.1.2. Estudos sobre a fala paulistana

Por volta da década de 1970, pesquisadores de alguns estados brasileiros iniciaram trabalhos de documentação de sua fala (através de recolhimento de entrevistas gravadas), bem como pesquisas sobre diversos temas linguísticos. O projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) (Castilho & Preti, 1986, 1987; Preti & Urbano, 1988, 1990) possibilitou um grande número de estudos linguísticos em diversas variedades do português, inclusive na paulistana.

Apesar disso, pode-se dizer que são poucos, ainda hoje, os estudos sobre a fala paulistana, se comparada a de outras partes do Brasil, inclusive dentro do próprio estado de São Paulo (Oushiro, 2011; Mendes & Oushiro, 2012). Merecem destaque projetos empenhados em documentar a fala paulista sob as perspectivas diacrônica – como o Projeto para a História do Português Paulista (Castilho, 2007) e sincrônica – Projeto Iboruna, na região de São José do Rio Preto (Gonçalves, 2008).

Na cidade de São Paulo, atualmente vem sendo coletado um *corpus* de língua falada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP (GESOL-USP). É na agenda desse grupo que o presente trabalho se origina. O Projeto SP2010³¹, iniciado em 2011 (Mendes & Oushiro, 2012), visa a recolher dezenas de entrevistas e disponibilizá-las na Internet para o acesso de interessados e pesquisadores de outros grupos e instituições. Na preparação para o desenvolvimento de tal projeto, o GESOL-USP gravou e transcreveu entrevistas sociolinguísticas desde 2003 e possui um acervo que denomina Amostra Piloto. As 48 entrevistas utilizadas neste estudo sobre a negação

³¹ “SP2010: construção de uma amostra da fala paulistana” (Processo FAPESP nº 2011/09278-6). Cf. Mendes & Oushiro (2012).

foram selecionadas dentre aquelas da Amostra Piloto, de acordo com os seguintes critérios: qualidade de áudio, roteiro mais padronizado³², maior número possível de entrevistas (com pelo menos 4 informantes por perfil) dentro de uma estratificação coerente com a realidade da comunidade paulistana. A descrição dessas 48 entrevistas é feita a seguir.

2.2. *Corpus e Subamostras*

As entrevistas do GESOL-USP – e, portanto, aquelas selecionadas para este trabalho – foram coletadas de modo semialeatório, ou seja, a partir do modelo “amigo de amigo” (Milroy, 2004), em que o primeiro contato entre documentador e informante pode ser intermediado por um terceiro (aquele que indica um possível informante). Dessa forma, é possível estabelecer uma interação mais natural logo que se contata um informante, aumentando as chances de uma entrevista ser bem sucedida (na cidade de São Paulo, não costuma ser fácil conseguir a atenção, durante aproximadamente uma hora – tempo médio das entrevistas do GESOL-USP – por parte de alguém que não se conhece absolutamente, contatado sem intermediação de um “conhecido comum”). De todo modo, o método garante alguma aleatoriedade e abrangência, uma vez que as indicações levam a pessoas de grupos sociais bem diversificados.

Geralmente, assim que se entra em contato com um informante, agenda-se uma “conversa”, esclarecendo-se ao potencial informante que ela será gravada. Trata-se, claro, de uma conversa com o objetivo de documentar o vernáculo de um informante, ou seja, a fala que se aproxima ao máximo daquela de seu cotidiano, daquela que se dá em situações familiares e com os amigos.

Contudo, o objetivo de se observar essa fala menos “monitorada” esbarra no que se conhece como Paradoxo do Observador (Labov, 2006 [1966]), que é justamente o desafio que o pesquisador enfrenta de “observar sem ser percebido”. Para evitar ao máximo os efeitos do monitoramento de fala na produção de um informante, o planejamento cuidadoso do roteiro da entrevista – assim como a naturalidade com que o documentador conduz a conversa – é da maior importância, a fim de que os dados coletados sejam adequados para pesquisas linguísticas.

³² De 2003 a 2010, o GESOL-USP coletou mais de uma centena de entrevistas. Como se tratava de um projeto piloto, em preparação para o então futuro SP2010, nem todas elas obedecem a um mesmo roteiro, assim como nem todas elas têm duração semelhante ou os mesmos tópicos conversacionais.

Portanto, o planejamento do roteiro e sua aplicação são determinantes não só para o sucesso de uma entrevista sociolinguística, mas também para que se possa tentar garantir que os dados a serem coletados – sob a forma de interação entre um documentador e um informante – forneçam ocorrências de variantes de variáveis linguísticas que possam ser analisadas.

O roteiro utilizado na coleta das entrevistas tem ainda importante papel no recolhimento de informações históricas sobre a cidade e seus bairros, bem como informações etnográficas sobre os paulistanos – via perguntas sobre a história de sua família, suas características econômicas e atividades de lazer, entre outras.³³ Tais informações permitem aventar hipóteses interessantes sobre a correlação entre usos linguísticos e variáveis sociais diversas, além daqueles que estratificam as amostras.

A estrutura das entrevistas do GESOL-USP selecionadas para constituir o *corpus* deste trabalho apresenta 3 grandes partes (cf. Anexo). A primeira parte trata de assuntos gerais que incluem:

- o bairro em que o entrevistado mora ou morou mais tempo,
- sua infância e amizades,
- sua relação com a família e genealogia,
- vida profissional e educação,
- atividades de lazer.

A segunda parte do roteiro busca apreender a percepção do falante sobre São Paulo, sobre o que significa “ser paulistano” (em termos bem informais), e sobre sua afinidade com a cidade. Finalmente, na terceira parte traz-se à baila o tema da fala paulistana. Nesse momento, explora-se a percepção linguística que o falante tem da própria fala e de outros falares/sotaques brasileiros, com perguntas do tipo:

Qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita?
Como é que as pessoas falam na cidade de São Paulo? (cf. Anexo)

Esta última parte inclui também trechos de leitura de lista de palavras e de textos diversos – como notícia de jornal. Tais trechos, contudo, não são considerados nesta pesquisa, uma vez que ela se detém à produção mais espontânea possível.

³³ É importante ressaltar que a identidade dos entrevistados é preservada. Nenhuma informação pessoal é publicada ou mencionada nos estudos. No Projeto SP2010, tais informações serão editadas, antes de sua disponibilização.

Embora o roteiro e seus temas guiem a conversa, é responsabilidade do documentador dar o seu “tom” e criar um ambiente de interação que seja o mais espontâneo possível. O trecho abaixo reproduz parte do roteiro integralmente apresentado no Anexo. Nele, há indicações para que o documentador pergunte sobre as mudanças sofridas ao longo dos anos pelo bairro em que vive o paulistano.

Se o informante mora há bastante tempo: Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?

No entanto, para que a conversa se dê do modo mais fluente e natural possível - evitando o caráter “pergunta-resposta” -, o documentador busca obter tais informações através de uma conversa comum. No exemplo abaixo, em destaque, o documentador (D1) faz uma pergunta referente ao trecho do roteiro reproduzido acima. Nas linhas seguintes, em texto sublinhado, a intenção do documentador é saber um pouco mais sobre os pais do informante e sua origem.

- 42 D1: Eh, há quanto tempo você mora [no bairro]?
 S1: Desde que eu nasci, cinquenta anos.
 D1: Ah, é?
 S1: Cinquenta anos aqui na Vila Anglo-Brasileira, porque ela fica entre Vila Anglo, São Paulo, a Sumaré, a Sumarézinho, Lapa, Vila Madalena, Vila Beatriz, fica bem centralizado.
D1: Eh, bom, você deve ter visto bastante mudança aqui no bairro então?
 S1: Sim, principalmente no meio de transporte, né? No metrô. É um dos fatores, é questão de mercados, também foram bastantes da década de setenta pra frente. Shopping, né? Que foram da região, alguns shoppings que surgiram na época, né? Também foi na década de setenta e cinco a oitenta que surgiram bastante. Tem antigamente o Super Bom, agora tem o Bourbon na Pompeia, tem o Paulista, tudo que fica acessível aqui pra gente, é perto, né? Quer dizer, qualquer meio de locomoção você está perto, o comércio...
D1: Aham, eh seus pais então já estavam aqui?
 S1: Eh, meu pai é de S.
 D1: Interior de São Paulo? É interior de São Paulo?
 S1: Sim, interior de São Paulo. Meu pai e a minha mãe é de S., é perto de R. Eles vieram... eh, eles se casaram acho que só em mil novecentos e quarenta e quatro, e quarenta e cinco, na época da guerra tudo. Eles vieram... até a minha mãe trabalhava numa empresa que fazia cinto pra soldado, essa coisa. [M2+04]

Por conta dessas características, é fato que muitas das entrevistas são caracterizadas por certa desproporção entre interações simétricas e assimétricas: com vistas a deixar o informante falar ao máximo, sem interrupções, são comuns longos trechos de entrevistas em que o documentador fala muito pouco, criando-se o que se chama aqui de “assimetria dialógica”. Isso quer dizer que há vários momentos da entrevista em que o informante é o único a falar, sendo que o documentador apenas

intervém com o objetivo de manter a continuação da fala de seu interlocutor, quase que no desempenho da função fática da comunicação (Jakobson, 2008), por meio de marcadores conversacionais (*uhum, aham, ah é?*).

Essa particularidade é explorada no Capítulo 2, em que se analisam, primeiramente, todas as ocorrências de NEG1 e NEG2 (evidentemente, nos contextos variáveis, ou seja, que compõem o envelope de variação), mas também parte das ocorrências – aquelas que são extraídas dos trechos das entrevistas em que há mais trocas de turno entre documentador e informante. Conforme se demonstra a seguir, é possível que nesses trechos seja mais característica a ativação direta de proposições, de modo que, neles, é mais frequente (relativamente à taxa geral de 5,8%) o emprego de NEG2.

2.2.1. Amostra GERAL

Conforme já se adiantou anteriormente, as ocorrências de sentenças negativas analisadas neste trabalho foram extraídas de 48 entrevistas. De acordo com o Quadro 7 abaixo, são 12 os perfis sociolinguísticos que decorrem das três variáveis sociais que definem o corpus quantitativamente.

Sexo/Gênero	Faixa etária	Escolaridade	Perfis
Feminino	1	+	1. F1+
		-	2. F1-
	2	+	3. F2+
		-	4. F2-
	3	+	5. F3+
		-	6. F3-
Masculino	1	+	7. M1+
		-	8. M1-
	2	+	9. M2+
		-	10. M2-
	3	+	11. M3+
		-	12. M3-
12 perfis x 4 informantes = 48 indivíduos/gravações			

Quadro 7. Perfis da Amostra GERAL

Cada um dos 48 informantes é representado com o código do perfil correspondente seguido do número 1 a 4; assim, a célula F3+ compreende os informantes F3+01, F3+02, F3+03 e F3+04. Para fins de apresentação, o Quadro 8 e o Quadro 9 separam os informantes dos sexos feminino e masculino e incluem algumas outras informações de natureza etnográfica sobre eles.

Sexo/gênero	Faixa etária	Escolaridade	Perfil	Cód. Informante	Origem do Pai	Origem da Mãe	Região	Zona
F	1	+	F1+	F1+01	Capital/SP	Minas Gerais	Periférica	Leste
				F1+02	Interior/SP	Capital/SP	Periférica	Sul
				F1+03	Interior/SP	Interior/SP	Central	Oeste
				F1+04	Capital/SP	Minas Gerais	Central	Sul
		-	F1-	F1-01	Alagoas	Bahia	Periférica	Oeste
				F1-02	Paraíba	Paraíba	Periférica	Norte
				F1-03	Sergipe	Sergipe	Periférica	Leste
				F1-04	Interior/SP	Goiás	Periférica	Leste
	2	+	F2+	F2+01	Capital/SP	Capital/SP	Central	Oeste
				F2+02	Pernambucano	Sergipe	Periférica	Leste
				F2+03	Interior/SP	Interior/SP	Central	Oeste
				F2+04	Interior/SP	Bahia	Periférica	Norte
		-	F2-	F2-01	Interior/SP	Interior/SP	Periférica	Sul
				F2-02	Estrangeira	Capital/SP	Central	Oeste
				F2-03	Minas Gerais	Minas Gerais	Periférica	Leste
				F2-04	Minas Gerais	Minas Gerais	Central	Oeste
	3	+	F3+	F3+01	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Oeste
				F3+02	Interior/SP	Interior/SP	Central	Oeste
				F3+03	Estrangeira	Interior/SP	Periférica	Oeste
				F3+04	Capital/SP	Minas Gerais	Central	Sul
		-	F3-	F3-01	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Oeste
				F3-02	Santa Catarina	Interior/SP	Central	Oeste
				F3-03	Estrangeira	Estrangeiro	Periférica	Leste
				F3-04	Capital/SP	Capital/SP	Central	Oeste

Quadro 8. Informantes Femininos da Amostra GERAL

Sexo/gênero	Faixa etária	Escolaridade	Perfil	Cód. Informante	Origem do Pai	Origem da Mãe	Região	Zona
M	1	+	M1+	M1+01	Capital/SP	Capital/SP	Central	Leste
				M1+02	Capital/SP	Paraná	Periférica	Sul
				M1+03	Capital/SP	Capital/SP	Central	Sul
				M1+04	Bahia	Bahia	Periférica	Leste
		-	M1-	M1-01	Pernambucano	Bahia	Periférica	Sul
				M1-02	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Leste
				M1-03	Estrangeira	Interior/SP	Periférica	Norte
				M1-04	Capital/SP	Capital/SP	Central	Oeste
	2	+	M2+	M2+01	Interior/SP	Interior/SP	Central	Leste
				M2+02	Sergipe	Interior/SP	Periférica	Sul
				M2+03	Capital/SP	Capital/SP	Central	Leste
				M2+04	Interior/SP	Interior/SP	Central	Oeste
		-	M2-	M2-01	Capital/SP	Paraná	Periférica	Leste
				M2-02	Capital/SP	Estrangeiro	Periférica	Oeste
				M2-03	Bahia	Bahia	Periférica	Oeste
				M2-04	Estrangeira	Estrangeiro	Central	Oeste
	3	+	M3+	M3+01	Capital/SP	Interior/SP	Periférica	Oeste
				M3+02	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Sul
				M3+03	Capital/SP	Capital/SP	Central	Oeste
				M3+04	Interior/SP	Estrangeiro	Periférica	Oeste
		-	M3-	M3-01	Interior/SP	Capital/SP	Central	Leste
				M3-02	Interior/SP	Interior/SP	Periférica	Oeste
				M3-03	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Sul
				M3-04	Interior/SP	Interior/SP	Periférica	Oeste

Quadro 9. Informantes Masculinos da Amostra GERAL

Conforme introduz o Capítulo 1, ao esclarecer como se define o envelope de variação, a taxa de NEG2 é bastante baixa (5,8%) nesse conjunto de 48 entrevistas, aqui denominado Amostra GERAL. Também conforme se indicou anteriormente, a análise qualitativa das entrevistas permite constatar que, em certos trechos delas – quando há poucas intervenções do documentador na fala do informante – parece ainda mais infrequente o emprego de NEG2. Isso leva ao aventamento da seguinte hipótese: em trechos com poucas trocas de turno entre informante e documentador, ou seja, aqueles em que o informante passa mais tempo “falando sozinho”, parece ser menos comum a ativação direta de proposições que, também hipoteticamente, pode estar correlacionada ao emprego de NEG2.

O trecho abaixo ilustra uma interação que se dá de forma assimétrica, na qual o documentador realiza turnos com função interacional (*ahn?*, *gente!*, *uhum*, *nossa!* etc.), enquanto o informante mantém o conteúdo da conversa, ou seja, o turno nuclear (Galembeck, 2003).

- 43 D1: Sequestrada?
 S1: Já me levaram eu e o meu marido assim no shopping Aricanduva. Levaram nós lá de carro, pegaram o carro quando eu fui no aniversário de um aninho da A. A gente vinha vindo, quando chegou no farol aqui
 D1: **Ahn**
 S1: meu marido parou porque estava fechado. Aí veio um cara, destravou o carro, entrou e empurrou ele para o meio. Aí eu ia descendo do outro lado, o outro me empurrou pra dentro pegou o...
 D1: **Gente!**
 S1: Rodaram, foram lá para Terra Roxa, largaram nós lá no meio do mato e pegaram o carro, e nós ficamos lá.
 D1: **Nossa!**
 S1: Aí, depois que... o meu marido conhecia ainda um pouco o lugar porque o patrão dele tinha um sítio lá em M.
 D1: **Uhum**
 S1: E então ele sabia, que ele andava muito por lá, fazer compra para o patrão, né?
 D1: **Aham**
 S1: E ele falava pra mim: Vamos por aqui que nós vamos dar... Eles falavam para os que pegaram e falaram assim: segue em frente e não olha pra trás, e na frente era um precipício
 D1: **Ahn!... gente, que... Nossa...**
 S1: Aí, o meu marido falou: para, para, vamos ficar aqui, deixa eles ir embora. Então a gente tem que seguir pra frente que para lá a gente não pode ir. Aí, a gente voltamos, chegamos lá em M. Aí, lá tinha uma viatura da polícia, naquele tempo ainda era aquelas fusquinha, né?
 D1: **Aham**
 S1: Eles levaram nós até a delegacia.
 D1: **Uhum**
 S1: E lá não estava nem o delegado, estava o escrivão e ainda ele estava morrendo de medo porque uns dias antes tinha tido uma rebelião lá.

D1: **Uhum**

S1: Que era só de mulher lá, o presídio né?, tipo, a delegacia lá. E tinha umas traficantes lá, e eles invadiram e soltaram todas as traficantes que estavam lá preso. E a gente ficou lá, e depois fez a ocorrência, fez tudo, levaram o carro da firma, né?

D1: **Nossa!**

S1: Aí, depois, nós ligamos da delegacia lá porque meu marido queria ônibus. Não tinha. Eles levaram todos os documentos, levaram carteira dele, levaram tudo.

Trechos como esses, com poucas trocas de turno *de facto*, são muito frequentes nas entrevistas da Amostra GERAL. O trecho abaixo exemplifica algo diferente – um trecho de conversa em que há mais participação por parte do documentador (os casos de ativação direta de informação proposicional são sublinhados):

44

D1: Mas foi aos poucos, assim, você conseguia?

S1: Foi aos poucos, mas, no final de semana, eu não sei se da má postura da gente, eu acabei agravando a coisa. Eu sei que num final de semana específico, assim, uma dor insuportável, e numa segunda feira eu fui, assim, levado pelo meu pai ao hospital. Puxa, como era o nome? Agora, eu estava com o nome dele até agora na ponta da língua, ai caramba! Agora eu esqueci.

D1: Era público o hospital?

S1: Não, **NÃO era público NÃO**. Era, é... agora eu esqueci o nome do hospital... Lembrei! Hospital S., para você não achar que eu estava mentindo! Falei tanto e depois esqueci o nome do... lembrei, Hospital S. E nessa avenida que eu citei há pouco, a P., nela existem outros hospitais de cujo nome eu não recordo agora, mas existem, eu sei que existem mesmo.

D1: Mas você acha que, pelo fato de lá ser uma bairro assim, há alguma diferença, assim, pela a Mooca baixa, a Mooca alta, tem alguma diferença? Pelo fato de as pessoas terem mais convênio, sei lá, teria mais a presença de hospitais particulares ou públicos?

S1: Então, eh, eu, assim, nunca acho que... felizmente acho, nunca precisei muito, né?, de médicos, de postos de saúde, de hospitais

D1: Ainda bem, né? [M2+01]

O estudo qualitativo das entrevistas do corpus leva à hipótese de que o tipo de entrevista sociolinguística com a qual comumente se trabalha em estudos como este é caracterizado por um tipo de fluxo conversacional em que a ativação direta de proposições acaba sendo pouco frequente; ou, dito de outro modo, acaba sendo muito menos “comum” do que a ativação indireta. Assim, a ativação por inferência, como no exemplo (45), acaba ocorrendo muito mais vezes ao longo da entrevista:

45

D1: E seus filhos brincam na rua ou não?

S1: Brincam, mas brincam quando eu vou com eles, aí sim. Mas, para deixar assim na rua, eu tenho medo, apesar de que onde eu moro **NÃO é perigoso NÃO**. [F1-01]

Se está correta a hipótese de que em trechos com mais trocas de turnos (ou seja, quando o diálogo é “mais simétrico”) é mais comum a ativação direta de proposições,

parece razoável supor que, nesses trechos, será maior a tendência de empregar NEG2 (relativamente a outros trechos da entrevista). Assim, além de analisar todas as ocorrências de NEG1 e NEG2 de cada uma das entrevistas, realiza-se também outra análise, “apenas” com as ocorrências encontradas nos trechos com diálogos mais simétricos. A esse conjunto de dados, dá-se o nome de Amostra GERAL 2 (uma vez que ele provém das mesmas 48 entrevistas que constituem a Amostra GERAL).

Apesar de a Amostra GERAL 2 conter, obviamente, menos dados do que a Amostra GERAL, é possível que a taxa de NEG2 seja comparativamente maior. Isso torna viável a análise de certos grupos de fatores linguísticos, cujo teste seria dificultado com uma taxa mais baixa dessa variante (o que levaria, por exemplo, a pouquíssimos casos de NEG2 por fator, em casos de grupos com mais do que dois fatores – conforme explicita o Capítulo 3, a seguir)

2.2.2. Amostra GERAÇÃO

Das 48 entrevistas do *corpus*, podem-se organizar subamostras a partir de diferentes grupos de fatores estratificadores. Conforme descreve a primeira parte deste capítulo, é pertinente a observação de quão heterogênea é a comunidade paulistana, sobretudo do ponto de vista da (i)migração. Como não podia deixar de ser, essa “faceta” da cidade reflete nas entrevistas da Amostra GERAL, na medida em que parte dos paulistanos entrevistados vem de famílias cujos pais (ou um deles, ou ambos) não nasceram em São Paulo.

A fim de verificar se há alguma correlação entre esse fato e o emprego de NEG2 - que, como vimos, é muitas vezes tomada como uma forma dialetalmente marcada: Marroquim (2008 [1945]); Barme (2005); Schwenter (2005) -, além da análise dos dados de todas as entrevistas (de acordo com o que se descreve acima), é feita uma análise com uma subamostra de entrevistas cujos informantes são estratificados de acordo com a sua geração – ou seja, uma subamostra constituída balanceadamente por paulistanos de 1ª e de 2ª geração.

Assim, esta que se denomina Amostra Geração é definida pelas variáveis *sexo/gênero*, *faixa etária* e, principalmente, por dois fatores:

- indivíduos de 1ª geração (representados por 0 na tabela abaixo) – aqueles cujos pais não são naturais da cidade de São Paulo;
- indivíduos de 2ª geração (representados por P) – aqueles cujo pai, mãe, ou ambos são naturais da cidade.

Com isso, definem-se doze perfis; cada um deles compreende dois informantes – e não quatro, como na Amostra GERAL. Isso se deve ao fato de que o conjunto das 48 entrevistas é definido de modo balanceado em relação às três variáveis apresentadas no item anterior. Quando a geração é uma variável que define a amostra quantitativamente, não se dispõe do mesmo número de informantes por perfil; aqui, diferentemente, para uma amostra balanceada em termos de número de informantes, selecionam-se 24 entrevistas, de acordo com o quadro abaixo.

Sexo/gênero	Faixa etária	Geração	Perfil	Cód. Informante	Origem do Pai	Origem da Mãe	Região	Zona
F	1	P	F1P	F1+01	Capital/SP	Minas Gerais	Periférica	Leste
				F1+02	Interior/SP	Capital/SP	Periférica	Sul
		0	F10	F1+03	Interior/SP	Interior/SP	Central	Oeste
				F1-01	Alagoas	Bahia	Periférica	Oeste
	2	P	F2P	F2+01	Capital/SP	Capital/SP	Central	Oeste
				F2-02	Estrangeira	Capital/SP	Central	Oeste
		0	F20	F2+04	Interior/SP	Bahia	Periférica	Norte
				F2-04	Minas Gerais	Minas Gerais	Central	Oeste
	3	P	F3P	F3+01	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Oeste
				F3-01	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Oeste
		0	F30	F3+02	Interior/SP	Interior/SP	Central	Oeste
				F3-02	Santa Catarina	Interior/SP	Central	Oeste
M	1	P	M1P	M1+03	Capital/SP	Capital/SP	Central	Sul
				M1-02	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Leste
		0	M10	M1-01	Pernambucano	Bahia	Periférica	Sul
				M1+04	Bahia	Bahia	Periférica	Leste
	2	P	M2P	M2+03	Capital/SP	Capital/SP	Central	Leste
				M2-01	Capital/SP	Paraná	Periférica	Leste
		0	M20	M2+02	Sergipe	Interior/SP	Periférica	Sul
				M2-03	Bahia	Bahia	Periférica	Oeste
	3	P	M3P	M3+02	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Sul
				M3-03	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Sul
		0	M30	M3-02	Interior/SP	Interior/SP	Periférica	Oeste
				M3+04	Interior/SP	Estrangeiro	Periférica	Oeste

Quadro 10. Perfis e Informantes da Amostra GERAÇÃO

2.2.3. Amostra REGIÃO

Além da GERAÇÃO, pode-se também organizar uma subamostra baseada na região da cidade em que vive o paulistano (mais central ou mais periférica). Aqui, o interesse é refinar uma análise em que se objetiva verificar a correlação entre o emprego de NEG2 (a forma infrequente no conjunto de dados) e a localidade que caracteriza o informante como um indivíduo da São Paulo mais central ou mais periférica – já que,

conforme se mostrou mais acima, parece haver grande diferenciação social entre as duas regiões.

Aqui também são 12 os “novos” perfis (definidos conforme indica a tabela abaixo), e também são 24 os informantes – mas não exatamente os mesmos da subamostra anterior. A fim de manter o critério de se trabalhar com amostras balanceadas, foram selecionados informantes, dentre os 48 da Amostra GERAL, que refletissem estritamente os perfis resultantes da combinação de *sexo/gênero*, *faixa etária* e *região de residência*.

Sexo/gênero	Faixa etária	Região	Perfil	Cód. Informante	Origem do Pai	Origem da Mãe	Região	Zona
F	1	C	F1C	F1+03	Interior/SP	Interior/SP	Central	Oeste
				F1+04	Capital/SP	Minas Gerais	Central	Sul
		P	F1P	F1+02	Interior/SP	Capital/SP	Periférica	Sul
				F1-02	Paraíba	Paraíba	Periférica	Norte
	2	C	F2C	F2+01	Capital/SP	Capital/SP	Central	Oeste
				F2-02	Estrangeira	Capital/SP	Central	Oeste
		P	F2P	F2+04	Interior/SP	Bahia	Periférica	Norte
				F2-03	Minas Gerais	Minas Gerais	Periférica	Leste
	3	C	F3C	F3-02	Santa Catarina	Interior/SP	Central	Oeste
				F3+04	Capital/SP	Minas Gerais	Central	Sul
		P	F3P	F3-01	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Oeste
				F3+01	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Oeste
M	1	C	M1C	M1+01	Capital/SP	Capital/SP	Central	Leste
				M1-04	Capital/SP	Capital/SP	Central	Oeste
		P	M1P	M1+02	Capital/SP	Paraná	Periférica	Sul
				M1-02	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Leste
	2	C	M2C	M2+03	Capital/SP	Capital/SP	Central	Leste
				M2-04	Estrangeira	Estrangeiro	Central	Oeste
		P	M2P	M2-03	Bahia	Bahia	Periférica	Oeste
				M2+02	Sergipe	Interior/SP	Periférica	Sul
	3	C	M3C	M3+03	Capital/SP	Capital/SP	Central	Oeste
				M3-01	Interior/SP	Capital/SP	Central	Leste
		P	M3P	M3+02	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Sul
				M3-03	Capital/SP	Capital/SP	Periférica	Sul

Quadro 11. Perfis e Informantes da Amostra REGIÃO

Assim, ambas as subamostras são constituídas de 24 entrevistas cada, mas a comparação dos quadros acima permite observar que, enquanto na Amostra REGIÃO há uma distribuição simétrica entre moradores de regiões mais centrais e periféricas e variação na Geração de cada indivíduo que a compõe, naquela (Amostra GERAÇÃO) o quadro se inverte, uma vez que a distribuição de informantes entre paulistanos de 1ª ou 2ª geração é equilibrada, ao passo que não há simetria no número de moradores quanto à Região.

Capítulo 3. HIPÓTESES

Os capítulos anteriores apresentaram, além da variável Negação, objeto deste estudo, variáveis de diversas naturezas que contribuem para a descrição da comunidade paulistana e para a definição dos contextos que integram o envelope de variação. Essas variáveis (independentes) são comumente chamadas de *grupo de fatores*. Cada grupo de fatores é, na verdade, uma hipótese de correlação com o emprego das variantes da variável dependente.

Tais hipóteses, de acordo com a teoria da variação e da mudança linguística (Labov 1994, 2001, 2010) e conforme os capítulos anteriores já deixaram entrever, podem ser de cunho linguístico ou social. No caso de NEG1 e NEG2 como estruturas alternativas de negação sentencial, vimos que fatos de natureza discursivo-pragmática oferecem restrição aos empregos das formas. Restrições podem ser categóricas (por exemplo, não se emprega NEG2 quando a informação proposicional é completamente nova no discurso – de modo que tais casos não fazem parte do envelope de variação); mas também podem ser de natureza variável: se tanto NEG1 quanto NEG2 são possíveis quando a informação proposicional é diretamente ativada ou inferida, cabe perguntar se uma das formas é “favorecida” em um ou outro caso. Essa noção de “favorecimento” é das mais caras na análise quantitativa de dados linguísticos (Guy & Zilles, 2007).

A análise quantitativa, portanto, visa a identificar quais grupos de fatores são relevantes para determinado caso de variação; em outras palavras, visa a testar as hipóteses estabelecidas no formato de grupos de fatores. Tais hipóteses, de fato, começaram a ser descritas já no capítulo anterior, uma vez que, na apresentação do *corpus* e das subamostras, fala-se em Sexo/gênero, Faixa etária, Escolaridade, Geração e Região da cidade. Embora sejam estes grupos de fatores sociais previamente estabelecidos (afinal, as entrevistas foram coletadas com base neles), não deixam de ser hipóteses a serem testadas. O quadro abaixo resume todos os grupos dessa natureza:

Variável	Variantes
Sexo/gênero	feminino masculino
Faixa etária	18 a 35 anos 36 a 55 anos 56 anos ou mais
Escolaridade	até o ensino médio ensino superior
Naturalidade do pai	São Paulo (Capital) São Paulo (interior) Alagoas Bahia Minas Gerais Paraíba Pernambuco Santa Catarina Sergipe pai estrangeiro
Naturalidade da mãe	São Paulo (Capital) São Paulo (interior) Bahia Goiás Minas Gerais Paraíba Paraná Sergipe mãe estrangeira
Geração	nenhum dos pais paulistanos um dos pais paulistano ambos nascidos na cidade
Região da cidade	central periférica
Zona da cidade	norte sul leste oeste

Quadro 12. Grupos de fatores sociais

Já no âmbito linguístico, as hipóteses aventadas são:

Variável	Variantes
Ativação da informação proposicional	diretamente ativada inferida
Presença de Marcador conversacional na sentença negativa	ausente <i>nê?</i> <i>entende?/ tá entendendo?</i> <i>sabe?</i> <i>viu?</i>
Presença de outro termo negativo na sentença	ausente <i>nada</i> <i>ninguém</i> <i>nem</i> <i>nenhum</i> <i>nunca</i> <i>nem nada/ nada nunca</i>
Tipo de verbo	ligação intransitivo transitivo impessoal
Presença de Adjunto Adverbial	presente ausente

Tipo de sentença	independente sintaticamente ³⁴ subordinada principal
Sujeito	cancelado ³⁵ lexicalizado
Quantidade de elementos à direita	complemento ou adjunto adverbial ambos presentes nenhum complemento verbal predicativo do sujeito predicativo cancelado nenhum
Tipo de constituinte pós-verbal	objeto direto objeto indireto predicativo do sujeito cancelado/nenhum

Quadro 13. Grupos de fatores linguísticos

3.1. Hipóteses sociais

3.1.1. Sexo/gênero

O comportamento de homens e mulheres em relação à fala se diferencia não apenas no âmbito fisiológico, mas também no social. Anatomia e altura de voz são diferenças facilmente reconhecidas entre homens e mulheres e caracterizam prontamente o *sexo* do falante. No entanto, rotular indivíduos a partir diferenças fisiológicas não inclui necessariamente as diferentes características sociais de cada *gênero*. Nesse sentido, o termo *sexo* parece reducionista, uma vez que a construção social do que é ser homem ou mulher se dá de maneira muito mais complexa do que apenas na dicotomia sexual homem/mulher.

Assim, *gênero* se refere a diferenças dos papéis sociais de homens e mulheres, papéis estes forjados na tradição cultural de cada comunidade. Considerando-se que os vários papéis exercidos pelos indivíduos na sociedade são definidos não só pelos seus atributos fisiológicos, mas também pelos valores culturais e possibilidades sociais de uma comunidade, embora este trabalho faça apenas a distinção entre homens e mulheres, utiliza-se do termo *sexo/gênero*, seguindo Paiva (2003).

Essa variável tem se mostrado relevante nos mais diversos casos de variação e mudança (Cheshire, 2004). Sobre o *r* pós-vocálico no inglês de Nova York, por

³⁴ Aqui sob a rubrica de sentenças *independentes sintaticamente* estão inclusas orações independentes (coordenadas) e absolutas.

³⁵ O termo *sujeito cancelado* é aqui empregado de maneira similar à do trabalho de Roncarati (1996): inclui todos aqueles que não foram foneticamente realizados, como sujeitos ocultos e indeterminados.

exemplo, Labov (2008 [1972]) afirma que as mulheres usam mais frequentemente a pronúncia de maior prestígio. Labov (1966) postula que além de não favorecerem as formas não padrão/estigmatizadas, as mulheres costumam liderar processos de mudança linguística, seja de variantes padrão ou não.

Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio. (Labov, 2008 [1972]: 281)

Em São Paulo, para citar um único exemplo, o estudo de Nascimento (2011) sobre o pronome de segunda pessoa *você/cê* revela certa diferenciação no uso dessas variantes por parte de homens e mulheres. Estas empregam mais frequentemente, em relação aos homens, a forma reduzida *cê* em lugar de *você*. No entanto, vale lembrar que a correlação ente sexo/gênero e variáveis morfossintáticas parece não ser tão comumente observada, da mesma forma como se dá com variáveis fonético-fonológicas, que parecem indexar mais diretamente características sociais (Cheshire, 2005)³⁶. O trabalho de Oushiro (2011) sobre as Interrogativas-Q em São Paulo, por exemplo, não evidencia correlação direta entre o uso de uma das variantes (a saber, *interrogativas-qu* ‘Onde você mora?’, *interrogativas qu-que* ‘Onde que você mora?’, *interrogativa é-que* ‘Onde é que você mora?’ e *interrogativas qu-in-situ* ‘Você mora onde?’, nos contextos de variação definidos pela autora) e a variável *sexo/gênero*.

Entre os estudos acerca da Negação, Cavalcante (2007), sobre o falar afro-brasileiro na Bahia, relata uma frequência ligeiramente maior de NEG2 por parte das mulheres (31% para elas vs. 24% para os homens), embora tal variável não tenha sido estatisticamente selecionada como relevante. O autor cita, contudo, resultados obtidos por Souza (2004 *apud* Cavalcante, 2007), em Helvécia, que revelam favorecimento de NEG2 por parte das mulheres.

Cabe perguntar, portanto, se a variável *sexo/gênero* guarda correlação com a variável Negação na fala paulistana. Levando-se em conta o caráter mais “formal” de NEG1, segundo Ilari & Basso (2006), busca-se verificar em São Paulo uma tendência já atestada em muitas outras comunidades, para as mais diferentes variáveis linguísticas: a de que as mulheres tendem empregar a variante desprestigiada relativamente menos que os homens. Não é possível prontamente afirmar que NEG2 é uma forma desprovida de

³⁶ Cf. Capítulo 1 sobre equivalência semântica de variantes morfossintáticas.

prestígio, mas se o que atestam Ilari & Basso coincidir com o uso factual das variantes, poderia ser o caso de que NEG2 ocorra mais na fala dos homens.

3.1.2. Faixa etária

Diferentes grupos etários podem revelar usos muito diversos das variantes de uma dada variável linguística. É o que se percebe em PB, por exemplo, no que diz respeito ao pronome *nós/a gente* (Zilles, 2005). Sob uma perspectiva sincrônica, os dados que a autora analisa revelam quadro de mudança em curso, com maior uso de *a gente* por parte da população jovem (.64) e desfavorecimento da variante pela população mais idosa (.32). Além disso, ao comparar resultados de amostras de períodos diferentes (no caso, NURC-1970 e VARSUL-1990), Zilles também observa um uso muito maior da variante inovadora na amostra mais recente (72%, *contra* 56% do *corpus* mais antigo).³⁷

Em estudos variacionistas como este sobre a Negação, geralmente trabalha-se com dados sincrônicos, mas o estudo da variação, por vezes, tem interesse na possibilidade da mudança linguística. Normalmente, tal interesse toma forma através do construto do *tempo aparente* (Labov, 2001), de acordo com o qual a análise acurada de variantes por vezes frequentes entre faixas etárias mais baixas e mais raras em faixas mais altas pode ser tomada como um indício de mudança na direção da variante favorecida pelos mais jovens.

Mendes (2005) encontra no português um quadro de mudança em tempo aparente no seu estudo sobre as perífrases aspectuais *estar + gerúndio* e *ter + particípio*, uma vez que a primeira é relativamente mais frequente entre os falantes mais jovens (da primeira faixa etária dos informantes), enquanto que o emprego da segunda se verifica mais restrito quanto menor a faixa etária. Outro quadro possível é aquele encontrado por Oushiro (2011) para as Interrogativas-Q em São Paulo e Cavalcante (2007) para NEG2/3 em falares baianos – em ambos, os resultados indicam semelhança entre as faixas etárias mais baixa e mais alta, de modo que se tem um indício de variação estável na comunidade, isto é, não se trata de casos de mudança em curso.

³⁷ Cf. Zilles (2005: 7)

Para que se possa testar essa hipótese da correlação entre grupos de informantes com base na sua idade e as variantes de uma variável, é comum (e interessante) que se trabalhe com três faixas etárias. No caso do presente trabalho, interessa verificar se a variante infrequente - NEG2 – é relativamente menos ou mais infrequente em um ou mais dos seguintes grupos etários na amostra: informantes de 18 a 35 anos; de 36 a 55 anos; e que tenham mais de 56 anos de idade.

3.1.3. Escolaridade

O Nível de Escolaridade é uma variável frequentemente estudada em investigações sociolinguísticas por sua sempre possível relação direta com o uso de variantes padrão e não padrão. Além disso, tal variável permite observar, ainda que de maneira indireta, a correlação entre usos linguísticos e classes sociais, uma vez que, em geral, ainda se pode dizer que a população de baixa renda acaba não alcançando níveis maiores de escolaridade (Rodrigues, 2009 *apud* Mendes & Oushiro, 2012).

Dada a maneira com que a educação se estrutura no Brasil, essa variável foi dividida em dois níveis: (i) informantes que estudaram até o ensino básico e (ii) informantes que fizeram curso superior. Em geral, a educação básica prevê que o cidadão brasileiro estude até os 17 anos, tornando-se cada vez mais difícil encontrar informantes que tenham cursado apenas os anos iniciais do sistema de ensino (Mendes & Oushiro, 2012).

Se Ilari & Basso (2006) estão corretos ao afirmar que NEG2 é mais característica da “língua oral” - ou seja, entende-se que NEG1 seja categórica na expressão escrita e característica da linguagem culta –, o uso de NEG2 não seria “encorajado” na escola. Interessa, portanto, verificar se NEG2 é desfavorecida entre os indivíduos mais escolarizados, e se tal estrutura acaba ocorrendo mais frequentemente na fala daqueles cujo grau de escolaridade é menor.

3.1.4. Naturalidade dos pais e Geração de paulistano

O Capítulo 2 brevemente descreve quão complexa é a comunidade paulistana em termos de fluxos migratórios. Atento a tal configuração histórico-cultural, este trabalho avança a hipótese de que a origem familiar do indivíduo pode desempenhar alguma influência em seus usos linguísticos.

Desse modo, eles foram codificados de acordo com a Origem do pai e a Origem da mãe. A Geração, portanto, depreende-se do cruzamento das origens dos pais, ou seja, aqueles cujos ambos os pais não são naturais da cidade de São Paulo são considerados paulistanos de 1ª geração, ao passo que indivíduos cujo pai, mãe ou ambos foram nascidos e criados na cidade de São Paulo são considerados paulistanos de 2ª geração. Veja-se, por exemplo, como se caracterizam os homens de segunda faixa etária na Amostra GERAÇÃO (cf. Capítulo 2). O mesmo procedimento de diferenciação é empregado para todos os informantes do *corpus*.

Cód. Informante	Origem do Pai	Origem da Mãe	Geração
M2+03	Capital/SP	Capital/SP	P (2ª geração)
M2-01	Capital/SP	Paraná	P (2ª geração)
M2+02	Sergipe	Interior/SP	0 (1ª geração)
M2-03	Bahia	Bahia	0 (1ª geração)

Quadro 14. Homens de 2ª faixa etária na Amostra GERAÇÃO

Observe-se que, ainda que tenha sido codificada a naturalidade dos pais de todos os 48 informantes (cf. Capítulo 2), não é possível realizar a análise estatística levando-se em conta tais características, já que são muitas as origens para a quantidade de informantes. O grupo de fatores da variável Geração vem, portanto, possibilitar que tal diversidade de origens seja incluída na análise estatística, diferenciando-se os informantes em “apenas” dois grupos.

3.1.5. Região e Zona da cidade

Considerando-se o desenvolvimento e a ocupação do espaço geográfico de São Paulo, o Capítulo 2 descreve várias diferenças entre as regiões da cidade. As mais centrais são as mais antigas e normalmente apresentam maior concentração de “bairros nobres”, verticalizados, e indivíduos de classe média e alta, os quais estão mais próximos de serviços essenciais em regiões de melhor estrutura (em diversos aspectos). Por outro lado, as regiões mais periféricas estão, em geral, mais afastadas daquelas com grande concentração de serviços e de polos empresariais, além de apresentarem paisagem urbana mais horizontal e reunirem indivíduos menos abastados. Consequentemente, regiões mais afastadas concentram população menos escolarizada, até pela história de desenvolvimento dessas regiões onde o acesso à educação começa a ser garantido com o processo de democratização do ensino na década de 70 (Azanha, 2004), enquanto regiões mais centrais possuem escolas mais tradicionais.

Este trabalho codificou cada informante de acordo com a zona da cidade em que vive (Norte, Sul, Leste, Oeste)³⁸, bem como de acordo com a região da cidade (mais central ou periférica). De modo similar ao procedimento para Geração, a variável Região permite testar a correlação entre o “local” habitado pelo informante e o uso de uma ou outra estrutura de Negação. Em termos de zonas, tal teste seria inviável, pois a amostra tem muito mais informantes da zona oeste do que da zona norte, por exemplo.

3.2. Hipóteses linguísticas

3.2.1. Ativação informacional da proposição negada

De acordo com as análises qualitativas apresentadas no Capítulo 2, a ativação direta ou indireta do conteúdo informacional de uma proposição é condição necessária para que seja possível variabilidade no uso das estruturas de Negação Sentencial. Ambos os contextos ocorrem na situação de entrevista que caracteriza o *corpus*; entretanto, dado o roteiro de entrevista e a própria natureza das gravações, a incidência de proposições diretamente ativadas é menor que a de proposições inferidas, uma vez que intervenções do documentador na conversa são limitadas e a troca de turnos parece estar correlacionada a uma maior incidência de ativação direta de conteúdo proposicional.

De qualquer forma, as ocorrências de NEG1 e NEG2 foram codificadas de acordo com a ativação da informação proposicional que está sendo negada. No trecho abaixo, os períodos em destaque na fala do documentador ativam proposições que podem ou não ser retomadas pelo informante. Quando isso ocorre, marca-se com negrito as proposições retomadas na fala de S1.

- 46 D1: Que não é tão longe C., **NÃO é tão longe, né?**
 S1: **Isso que NÃO é tão longe**, mas já é um lugar completamente diferente, mais tranquilo, né?
 D1: Uhum. Entendi, e **você mantém contato bastante com as pessoas de seu bairro, tem vizinhos?**
 S1: **Tenho**
 D1: **Mas você tem contato mesmo ou é só aquilo?**
 S1: **Tenho contato mesmo.**
 D1: **Você fez vários amigos no bairro?**
 S1: **Vários amigos.** Tem dia que sai na rua, aí no fim de semana, até parar para conversar com todo mundo que encontro na rua aí, demora

³⁸ Apesar de a cidade ser dividida em cinco zonas (Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro), nenhum informante se enquadra como morador do Centro Histórico. Nessa divisão em zonas, moradores do Centro Expandido encontram-se, na verdade, em uma das outras quatro zonas.

viu?

D1: Entendi. E o que vocês costumam fazer juntos, só conversar mesmo, de vez enquanto, ou **vocês têm alguma atividade que vocês fazem juntos?**

S1: Não, tem bastante amigos aí que **a gente toma uma cervejinha junto, bate papo.**

D1: E com esses amigos do bairro que você fez, de vez em quando, quando vocês vão sair, **vocês ficam pelo bairro mesmo ou vocês vão para outros lugares também?**

S1: **Geralmente é no bairro mesmo**, na casa de um, na casa de outro, mas geralmente é ali dentro do bairro. [M2-03]

Observe-se, no entanto, que o fato de um falante ativar uma proposição não implica sua retomada pelo interlocutor.

47

D1: **E a mãe da senhora era dona de casa?**

S1: A minha mãe bordava aqueles bordados da Ilha da Madeira até para a dona P. lá, que era do consulado português. Ela bordava aquelas toalhas de banquete tudo pra ela. [F3-03]

No trecho acima, a proposição “a mãe da senhora era dona de casa?”, enunciada pelo documentador, é ativada em forma de pergunta direta. Seu interlocutor (o informante), embora possa responder diretamente com declarações do tipo “ela era dona de casa” ou “ela não era dona de casa”, decide dar uma resposta de forma indireta, sem retomar a proposição previamente ativada.

Abaixo, exemplifica-se uma inferência no discurso (ativação indireta). Perceba que a proposição “não aguentar [o quadro político-econômico da época]” não é diretamente ativada por nenhum dos indivíduos da interação, mas seu conteúdo proposicional é inferido pelo informante graças ao conteúdo da conversa.

48

S1: Não, não, veio o Collor, né?

D1: O Collor, opa! Como esquecer do Collor e o sequestro da poupança?!

S1: Isso, veio tudo isso. Então, sabe?, foi uma loucura! **Eu NÃO aguentava**, eu tinha que fechar três balanços num ano, dois balanços em um ano! [M2+03]

3.2.2. Marcadores conversacionais

O Capítulo 2 traz detalhes da metodologia de coleta de dados, das características do roteiro e do tipo de entrevistas gravadas pelo GESOL. Observou-se que a interação entre documentador e informante é, de certa forma, assimétrica, no sentido de que este normalmente fala muito mais, ao passo que aquele, muitas vezes, apenas faz intervenções de cunho interacional, por meio de marcadores conversacionais como *né?*, *entende?*, *viu?*, *sabe?* (Galembeck, 2003).

Considerando-se, além disso, que este trabalho enfoca uma variável cujo uso é marcado por restrições discursivo-pragmáticas, é o caso de perguntar se a presença de marcadores discursivos de *busca de apoio* (Urbano, 2003) guarda correlação com o uso das variantes dessa variável.

Os exemplos (49) e (50) abaixo mostram estruturas NEG1 acompanhadas ou não de marcação discursiva.

- 49 S1: Eh, foi... Talvez se eu não estivesse estudado num colégio de Estado, eu **NÃO teria passado na USP, né?** Olha que engraçado, porque foi ele que... [F1+04]
- 50 S1: Uma motivação pra **NÃO seguir aqueles alunos** e o jeito que era feito... [F1+04]

Para este grupo de fatores, os dados foram codificados de acordo com os marcadores encontrados ou a não ocorrência deles. Os exemplos (51) e (52) representam casos de NEG1 e NEG2 seguidos do marcador discursivo "né?", respectivamente, ao passo que (52) e (53) exemplificam o uso dos marcadores "sabe?" e "viu?".

- 51 S1: E também **NÃO é todo mundo daqui, né?** Mas daqui mesmo é minha mãe, meu pai, minha avó e meus irmãos, que ficaram mais aqui, conhece todo mundo, né? [M1+01]
- 52 S1: Eh, a educação **NÃO está muito boa, NÃO, né?** Pelo menos nos colégio(s) que a gente [F3-01]
- 53 S1: Era um bairrozinho bem... **NÃO tinha nada, sabe?** [M3-04]
- 54 S1: Olha, por enquanto, **eu NÃO estou lembrando de nada, viu?** [M2-03]

Devido às poucas ocorrências de Negação com marcadores discursivos (cf. Capítulo 4), manter uma codificação distinta para cada tipo de marcador tonaria a análise estatística inviável. Para fins de análise, portanto, recodificam-se os dados em dois grandes grupos: *com marcador* ou *sem marcador*.

3.2.3. Outros termos negativos

A função de reforço fonológico, à qual se referem diversos autores (Schwegler, 1991 *apud* Mello, 1998; Furtado da Cunha, 2001) e que seria exercida pelo *não* pós-verbal, encontraria respaldo no processo do Ciclo de Jespersen (cf. Capítulo 1). Sob essa

perspectiva, tal reforço pós-verbal se daria diante do enfraquecimento fonológico do *não* pré-verbal, que, em PB, poderia ser pronunciado como *num*, por exemplo.

Por outro lado, argumentos contrários a esse posicionamento utilizam-se de exemplos em que o elemento pré-verbal apresenta mais de uma sílaba, de modo que propor uma redução desses elementos no vernáculo brasileiro parece pouco defensável. Schwenter (2005) propõe que o *não* pós-verbal não possui função de reforço fonológico, uma vez que termos como *ninguém* e *nunca* podem preceder o verbo.

55 Ninguém sabe disso não.

56 Nunca gostei de bolo não.

Muito embora sentenças dos tipos em (55) e (56) não sejam especificamente foco deste trabalho, tal debate leva à pergunta sobre se há alguma correlação entre o uso de uma variante e a possível presença de outro termo negativo pós-verbal na sentença, independentemente de sua função sintática. Para isso, as ocorrências de NEG1 e NEG2 foram codificadas de acordo com a presença de outros termos negativos, tais como *nada*, *ninguém*, *nem*, *nenhum*, *nunca*, *nem nada*. Vejam-se alguns exemplos de NEG2 acompanhada de outro termo negativo:

57 mas **NÃO** tenho nenhuma opinião **NÃO** [F3-01]

58 não é mendigo **NÃO** é nada **NÃO** [F3+02]

59 acho que **já NÃO** tem mais ninguém **NÃO** [M3+04]

Pelos mesmos motivos apresentados no item 3.2.2 acima, acerca da presença de marcadores conversacionais na sentença, aqui também os dados foram agrupados em dois grandes grupos – *presença* ou *ausência de outros termos negativos* (cf. Capítulo 4).

3.2.4. Tipos de verbo

Conforme se discute no Capítulo 1, a variável em foco nesse trabalho é de natureza morfossintática. A partir da consideração de que as variantes consistem na colocação de um ou dois advérbios *não* (categoria que se relaciona diretamente ao sintagma verbal), parece razoável perguntar se há alguma relação entre as estruturas NEG1/2 e o tipo de verbo na sentença que se nega.

Os verbos são classificados de acordo com sua função no contexto, ou seja, um verbo com transitividade indireta será assim classificado mesmo que seu objeto não seja expreso. Esse grupo de fatores não é incluído nas análises desenvolvidas por outros trabalhos, como Roncarati (1996) e Cavalcante (2007); no entanto, esses autores investigam a hipótese do Tipo de constituinte pós-verbal (que também se estuda aqui e considera se um complemento foi realizado ou não, cf. item 3.2.9). Essas duas hipóteses se complementam, mas a presente focaliza mais detidamente as características do verbo.

Verbo de ligação

- 60 **NEG1**
D1: Legal. Falando em família, você é casada, tem filhos?
S1: **NÃO sou casada** e não tenho filhos. [F2+03]
- 61 **NEG2**
S1: Apesar de que onde eu moro **NÃO é perigoso NÃO**. As pessoas pensam que é perigoso onde eu moro. [F1-01]

Transitivo direto

- 62 **NEG1**
D1: O pessoal mais jovem?
S1: Mais jovem. Eh, eu vejo, tem muita gíria que eles usam entre eles. (...) Minha sobrinha, que estuda (...) num colégio razoável... Catorze ano! (...) **NÃO falam uma palavra** completa, uma frase” [M3+02]
- 63 **NEG2**
S1: Tem o Butantã aqui também. É difícil também pra conseguir uma vaga, que nem eu fui para marcar uma consulta pro meu filho e **NÃO consegui [a consulta] NÃO**. [F1-01]

Transitivo indireto

- 64 **NEG1**
S1: Não vou dizer que eles **NÃO tão investindo [em nada]**, mas poderiam investir mais, né? [F3-01]
- 65 **NEG2**
S1: Ele até pensa, mas **eu NÃO penso mais [nisso] NÃO**. Futuramente, eu tenho medo. Já fui casada uma vez e NÃO deu certo, então tenho medo de não dar certo. [F1-01]

Intransitivo

- 66 **NEG1**
D1: Tá, que que você lembra? Que que você achava de lá?
S1: Então, a minha família... eh, eles me deixavam muito dentro de casa, **eu NÃO saía** com aquele medo de... Eh, era sempre casa-escola escola-casa. Então, a minha infância NÃO foi na rua [F1+04]

- 67 **NEG2**
 S1: Não, os [familiares] que foram não voltaram... Dois, teve um que foi para A., está lá até hoje, e outro que foi para o oeste paulista, L. (...) Os filhos voltaram porque não aguentaram, muito interior, né? Eh, vieram fazer faculdade aqui e **não voltaram não** [F2+01]

Impessoal/existencial

- 68 **NEG1**
 D1: Então, você acha que conversando dá para saber quem estuda e quem não estuda?
 S1: Eu acho... para mim eu acho. É.que você percebe na fala, na fala de quem estuda que... ah... Você fala: Ah, esse estudou bastante! **NÃO tem como explicar.** Vocês conversando dá pra perceber. [F1-01]
- 69 **NEG2**
 D1: E tem festa lá no seu bairro? Festa assim, festa da primavera?...
 S1: Festa não sei do que? Não, festa da primavera **NÃO tem NÃO.** somente na escola. na escola que meus filhos estudam tem festa da primavera. E, assim, dia das crianças tem festa lá na escola e lá no bairro também. [F1-01]

Devido à grande variedade de fatores e à baixa frequência de NEG2 no *corpus* como um todo, a distribuição dos dados para cada um dos fatores se revela desigual. Para uma melhor distribuição – de modo a viabilizar a análise estatística – os fatores, para esta hipótese, são reorganizados em quatro categorias: (i) *verbo de ligação*; (ii) *intransitivo*; (iii) *transitivo*, compreendendo as categorias *transitivo direto e indireto*; e (iv) *impessoal*.

De fato, as hipóteses linguísticas expostas a partir deste item (Tipo de verbo, Adjunto adnominal, Tipo de sentença, Sujeito, Quantidade de elementos pós-verbais e Tipo de constituinte pós-verbal) compartilham do mesmo desequilíbrio na distribuição de dados entre seus fatores. Além de reagrupar fatores (com base em viabilidade estatística e similaridade de traços, assim como faz com os tipos de verbos transitivos em um único grupo) analisa-se a Amostra GERAL 2, na qual a frequência de NEG2 é duas vezes maior que na Amostra GERAL (5,8% *contra* 13,9%; cf. Capítulo 4). Assim, os grupos de fatores seguintes são mais bem testados nas análises dos dados dessa amostra – com menos dados no total, mas com maior porcentagem de NEG2 (Cf. Capítulo 2).

3.2.5. Adjuntos adverbiais

De modo semelhante ao item 3.2.3 – Outros termos negativos na sentença -, aqui se pergunta se há alguma correlação entre o emprego de NEG1 ou NEG2 e a presença de outros adjuntos adverbiais na sentença negativa.

As ocorrências foram codificadas de acordo com três fatores: a *presença de um adjunto adverbial*, como em (70) e (71); *adjunto deslocado à esquerda*, como em (72) e (73), e a *ausência de qualquer adjunto adverbial* – (74) e (75). No entanto, dadas as poucas ocorrências das estruturas deslocadas, o grupo foi recodificado, no momento da análise quantitativa, em *advérbio presente* ou *ausente*. Os exemplos abaixo indicam a sentença negativa em negrito e destacam, com sublinhado, o adjunto adverbial.

Presente

- 70 **NEG1**
D1: Além de você estudar, né?, você ia na...
S1: Assim, primeiro colegial eu tinha o quê? Quinze anos. Foi quando eu entrei para as bandeirantes. Aqui na Zona Norte **NÃO tinha praticamente nada**. [F2+04]
- 71 **NEG2**
S1: Mas eu matava aula pra ir para casa, **NÃO [matava] pra ficar bagunçando na rua assim NÃO**. [F1-01]

Presente, mas deslocados à esquerda do verbo

- 72 **NEG1**
D1: Aham, eh, nessa época, assim, de colegial, para onde você gostava de ir na cidade assim?
S1: Olha, **aqui na Zona Norte NÃO tinha nada**. [F2+04]
- 73 **NEG2**
D1: E os seus filhos, assim, você tem medo de serem assaltados?
S1: Ah, eu tenho. Nossa, na escola... principalmente na escola deles. **Na escola NÃO tem segurança NÃO**. Eu morro de medo, eu morro de medo. [Já] pensou chegar na escola para buscar meu filho, meu filho não está lá? [F1-01]

Ausente

- 74 **NEG1**
S1: Não, era nota mínima, né? Era nota mínima eu acho. E eu não fiz faculdade não. Eu acho uma pena que **eu NÃO tenha feito**, gostaria de ter feito. Hoje acho que eu perdi meu tempo, depois logo eu casei, eu já tive os dois, já tive os gêmeos e tal. [F3-02]

- 75 **NEG2**
 S1: As pessoas pensam que é perigoso onde eu moro, **mas NÃO é perigoso NÃO**. [F1-01]

3.2.6. Tipo de sentença

Roncarati (1996) indica que NEG2 ocorre mais frequentemente em sentenças absolutas e independentes do que em sentenças principais ou subordinadas. Tais resultados não se repetem, porém, em Cavalcante (2007).

Aqui, essa hipótese é testada através da codificação de quatro tipos de sentenças: *absoluta*, *principal*, *subordinada* e *independente* – à semelhança do que faz Roncarati (1996). No entanto, para possibilitar a análise quantitativa (sempre devido ao número de ocorrências), as *absolutas* e *independentes* foram reunidas em um único fator: *independentes sintaticamente*.

Absoluta

- 76 **NEG1**
 D1: Não tem esse tipo de coisa?
 S1: É não, **NÃO tem NÃO** [F3+02]
- 77 **NEG2**
 S1: É que eu trabalho da uma às dez, daí é janta. A minha janta é seis horas
 D1: Então eu estou comendo a hora da sua janta?
 S1: Não... **NÃO tem problema NÃO**. [F1-01]

Principal

- 78 **NEG1**
 D1: Foi o único bairro diferente da Mooca em que a senhora morou?
 S1: Eh, eu morei na Vila Carrão quando era criança, né? Era bem diferente, **[não é a Vila Carrão]** [que a gente conhece hoje]] [F2-03]
- 79 **NEG2**
 D1: Eram todas as matérias? Porque hoje você faz, né? A primeira fase você faz todas, mas daí, na segunda, são só algumas matérias.
 S1: Eu acho que não tinha segunda fase, **[não sei]** [se tinha segunda fase nessa época] **não**. Eu não acredito que tivesse. [F3-02]

Subordinada

- 80 **NEG1**
 S1: Ah, [tinha um amigo **[que NÃO era daqui do Brasil]]**, que ele falou que quando ele veio aqui, ele tinha a impressão é que não tinha lugares verdes. Aí, eu mostrei pra ele as praças, o parque, mas ele não tinha essa impressão. [F2+03]

- 81 **NEG2**
 S1: Olha, eu pensei, assim que me aposentei, de mudar para o interior, mas eu acho, quando eu vou lá que, eu fico... - quando eu ia antes, chegava a ficar uma semana, saía de férias e ia pra lá – agora, atualmente, eu vou ficar dois dias três dias. [Eu acho **[que NÃO acostumo mais NÃO]**]. [M3-04]

Independente (coordenada)

- 82 **NEG1**
 S1: Ah, tinha um amigo que NÃO era daqui do Brasil, que ele falou que quando ele veio aqui, ele tinha a impressão é que não tinha lugares verdes. Aí, eu mostrei pra ele as praças, o parque, **mas ele NÃO tinha essa impressão**. [F2-03]
- 83 **NEG2**
 D1: Aconteceu alguma vez de você ficar sem? De você ir pro hospital e não conseguir vaga? Que nem sua mãe?
 S1: Não, nunca aconteceu de eu ir para o hospital assim e não ter vaga não. Agora que está assim desse jeito, agora que está assim, **porque antigamente NÃO era assim NÃO**. [F1-01]

3.2.7. Sujeito

É comum afirmar que a forma NEG3 é fortemente favorecida ou até restrita a contextos sem sujeito lexicalizado, ou seja, realizado (Roncarati, 1996; Cavalcante, 2007). Muito embora o envelope de variação do PP não compreenda NEG3, a progressão histórica das formas aventada pelo Ciclo de Jespersen (cf. Capítulo 1) permite perguntar se tal fator – *sujeito não lexicalizado* – pode influenciar o uso de NEG2, dada a proximidade estrutural entre as duas formas. Roncarati (1996), por exemplo, aponta um leve favorecimento de NEG2 em sentenças com sujeito não lexicalizado. Para investigar a correlação entre tipo de sujeito e NEG2, classificam-se os verbos em três categorias.

Lexicalizado

- 84 **NEG1**
 S1: A professora **NÃO fazia** chamada. [F1-01]
- 85 **NEG2**
 S1: Agora ela **NÃO pode trabalhar mais NÃO**. [F1-01]

Oculto ou indeterminado

- 86 **NEG1**
 S1: E **não foi socorrida também, né?** Parece que depois que ela tava morta que veio alguém para socorrer assim. [F1-01]

- 87 **NEG2**
S1: Eu faço hora de janta, mas **NÃO janto NÃO**. [F1-01]

Sem sujeito

- 88 **NEG1**
S1: Aonde ele mora **NÃO tinha**, assim, benfeitoria nenhuma. [M2+03]
- 89 **NEG2**
S1: **NÃO tinha um segurança!** Um segurança pra poder me ajudar.
[F1-01]

Esse grupo de fatores também foi recodificado, para possibilitar a análise quantitativa, em duas categorias, a fim de viabilizar a comparação dos resultados: *sujeito lexicalizado* ou *não lexicalizado*.

3.2.8. Quantidade de elementos à direita do verbo

A ocorrência de alguns fatos linguísticos apresenta correlação direta com a distância, na sentença, entre seus elementos, assim como acontece com a concordância verbal, que pode ter sua forma padrão – concordância em número entre sujeito e verbo – enfraquecida nos casos em que o verbo está distante do núcleo do sujeito.

- 90 **os artista...** quando acompanhado dos segurança nem **olha** pros fã...
(Rubio, 2010: 609)

No enunciado acima, o verbo *olhar*, segundo a norma padrão do PB, deveria concordar com o sujeito, no plural, *olham*. É verdade que mais de um fator concorre para que a concordância seja feita da maneira como rege a gramática normativa, como a falta de concordância no sintagma nominal, entre núcleo e determinante (*os artista*, onde se esperaria *os artistas*) (Rubio, 2010). No entanto, o que se quer ao apresentar (90) aqui é que propor que a distância entre os elementos da Negação, ou seja, verbo e elemento pós-verbal, possa ter alguma relação com o favorecimento de uma das formas.

Para isso, a partir do cruzamento entre as codificações de Tipo de constituinte pós-verbal (cf. item 3.2.9 abaixo) e Presença de adjunto adverbial (cf. item 3.2.5 acima), podem-se estabelecer três fatores para grupo Quantidade de elementos à direita do verbo. Em primeiro lugar, agrupam-se as sentenças em que não há nem complemento, nem adjunto adverbial, como em (91).

- 91 **NEG1**
S1: Não, era nota mínima, né? Era nota mínima eu acho. E eu não fiz faculdade não. Eu acho uma pena que **eu NÃO tenha feito**, gostaria de

ter feito. Hoje acho que eu perdi meu tempo, depois logo eu casei, eu já tive os dois, já tive os gêmeos e tal. [F3-02]

Em seguida, aquelas que apresentam apenas *adjunto adverbial*, como em (92), ou *constituente pós-verbal*, em (93):

- 92 **NEG1**
 D1: Além de você estudar, né?, você ia na...
 S1: Assim, primeiro colegial eu tinha o quê? Quinze anos. Foi quando eu entrei para as bandeirantes. Aqui na Zona Norte **NÃO tinha praticamente nada.** [F2+04]
- 93 **NEG2**
 D1: E eles são casados?
 S1: O meu irmão mais velho é casado, o mais novo é solteiro, **NÃO tem mulher NÃO**, só namora só. Eu já fui casada e separei, eu estou namorando também. [F1-01]

Finalmente, classificam-se aqueles casos em que se apresentam ambas as categorias, ou seja, sentenças que possuem tanto adjunto adverbial como constituinte pós-verbal:

- 94 **NEG2**
 D1: eram todas as matérias?... porque hoje (vo)cê faz NÉ... a primeira fase você faz todas mas daí na segunda são só... algumas matérias
 S1: Eu acho que não tinha segunda fase, **NÃO sei se tinha segunda fase nessa época NÃO.** Eu não acredito que tivesse. [F3-02]

É importante lembrar que, para a análise estatística, este grupo de fatores não pode ser testado ao mesmo tempo em que se testam grupos como os mencionados acima, Presença de adjunto adverbial ou Tipo de constituinte pós-verbal, uma vez que alguns fatores podem interagir, de modo a impossibilitar a variação em algumas combinações estatísticas.

3.2.9. Tipo de constituinte pós-verbal

Roncarati (1996) revela que as formas NEG2/3 são favorecidas por estruturas em cujo constituinte pós-verbal não é expresso e desfavorecido naquelas em que ele é realizado. Quando o verbo possui predicação completa (verbo intransitivo), ou seja, não precisa de nenhum complemento, há neutralidade nas ocorrências de NEG2/3. A fim de testar essa hipótese nos dados do PP, este trabalho classifica as ocorrências em quatro categorias segundo o Tipo de constituinte pós-verbal.

Objeto direto

- 95 **NEG1**
S1: Ele é batalhador, **ele NÃO tem preguiça e tal.** [M2+04]
- 96 **NEG2**
S1: O meu irmão mais velho é casado, o mais novo é solteiro, **NÃO tem mulher NÃO**, só namora só. [F1-01]

Objeto indireto

- 97 **NEG1**
S1: Porque para mim **NÃO interfere em nada** [F3-01]
- 98 **NEG2**
S1: **NÃO gosto de ir muito no centro NÃO.** [M3-04]

Predicativo do sujeito

- 99 **NEG1**
S1: **NÃO sou casada** e não tenho filhos. [F2+03]
- 100 **NEG2**
S1: **Essa diferença NÃO é tão marcante NÃO.** [M2+02]

Cancelado (vazio)

- 101 **NEG1**
S1: E dar condições para o pessoal que **NÃO tem**, né? [M2+04]
- 102 **NEG2**
S1: Quando está conversando, **NÃO reparo NÃO** [F1-01]

Novamente, por razões de análise quantitativa e para viabilizar a comparação de resultados com outros estudos, os grupos dessa hipótese foram reorganizados da seguinte maneira: (i) complemento verbal *lexicalizado* (objeto direto e indireto), (ii) *nenhum* complemento, (iii) predicativo do sujeito *cancelado* e (iv) predicativo do sujeito *lexicalizado*.

Capítulo 4. RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se os resultados das análises quantitativas das ocorrências de NEG1 e NEG2, de acordo com a definição do envelope de variação no Capítulo 1. As análises foram realizadas a partir das amostras descritas no Capítulo 2: Amostra GERAL (48 entrevistas), Amostra GERAÇÃO (24 entrevistas) e Amostra REGIÃO (24 entrevistas).

Além disso, com a intenção de refinar o estudo das restrições linguísticas ao emprego de NEG2, o item 4.4 reporta os resultados da análise da Amostra GERAL 2, que, conforme descreve o Capítulo 2, comporta trechos das entrevistas da Amostra GERAL em que se observa mais frequente troca de turno. Nesses trechos parece mais prevalente a ativação direta de proposições. A partir de evidência quantitativa a favor dessa hipótese, verifica-se maior taxa de NEG2 nesses trechos. Em outras palavras, essa estrutura infrequente (cf. item 4.1 abaixo) é algo menos infrequente nesses trechos caracterizados por mais trocas de turno – e tal fato permite uma análise quantitativa mais confiável dos grupos de fatores linguísticos na sua correlação com o emprego de NEG2.

Nas análises cujos resultados são reportados abaixo em 4.1, 4.2 e 4.3 (Amostra GERAL, GERAÇÃO e REGIÃO, respectivamente), foram incluídos apenas três grupos de fatores linguísticos (Ativação da proposição, Presença de marcador conversacional na sentença e Presença de outra palavra negativa na sentença). Já nas análises apresentadas no item 4.4 (Amostra GERAL 2), além desses, foram incluídos também os outros grupos apresentados no Capítulo 3, nos moldes discutidos no item 3.2.4

Em todas as análises, foram cinco os grupos de fatores sociais - Sexo/gênero, Faixa etária, Escolaridade, Geração e Região da cidade. Os grupos Origem do pai, Origem da mãe e Zona da cidade (também descritos nos capítulos 2 e 3) não apresentaram distribuição de dados adequada para análise estatística.

4.1. Amostra GERAL

Na Amostra GERAL (5607 ocorrências), observam-se alta frequência de NEG1, bastante baixa frequência de NEG2 e raridade de NEG3 – naqueles contextos em que o

emprego variável das formas é possível (de acordo com o envelope de variação depreendido do Capítulo 1):

Tabela 2. Distribuição geral das variantes na Amostra GERAL

NEG1	NEG2	NEG3	Total
5279	324	4	5607
94%	5,8%	0,2%	100%

Se, por um lado, pode-se duvidar da infrequência de NEG3 na fala paulistana espontânea, por outro, sua improdutividade nas entrevistas sociolinguísticas que constituem a amostra utilizada neste estudo é indiscutível. Evidentemente, essas quatro ocorrências de NEG3 podem ser quantitativamente descartadas.

De fato, foi justamente em virtude de tal distribuição geral de dados que, no Capítulo 1, pôde-se propor um “envelope (de variação) paulistano” composto por “apenas” NEG1 e NEG2 em contextos cuja ativação da proposição que está sendo negada seja direta ou inferida – pois, de acordo com Guy & Zilles (2007), num sistema analítico com mais de duas variantes, 5% é a taxa mínima que uma delas deve apresentar, em termos de viabilidade para a análise estatística.

4.1.1. Grupos de fatores linguísticos

Abaixo, a Tabela 3 traz os resultados para os três grupos de fatores linguísticos incluídos na análise (todos selecionados como significativos pelo Goldvarb):

Tabela 3. Pesos para fatores linguísticos na Amostra GERAL

Grupo	Fatores	NEG2/Total	%	Peso	Range
Marcador conversacional	Ausente	314/5039	6,2	.53	29
	Presente	10/564	1,8	.24	
“Outro” termo negativo na sentença	Ausente	312/5070	6,2	.53	27
	Presente	12/533	2,3	.26	
Ativação da proposição	Direta	80/571	14,0	.73	26
	Inferida	244/5032	4,8	.47	
TOTAL		324/5603	5,8	<i>input 0,047</i>	<i>significância 0,050</i>

Com respeito aos dois primeiros grupos na tabela, pode-se observar que NEG2 tende a praticamente não ser empregada como estrutura negativa quando há (algum tipo de) marcador ou outro termo negativo na sentença. Em 324 ocorrências de NEG2 (num total de 5603 casos), foram apenas 10 aqueles em que figura também um marcador (como ‘né?’, ‘entende?’ e ‘sabe?’) e 12 em que aparece também um “outro” termo negativo (como *nada*, *ninguém*). Parece, portanto, que tais fatos desfavorecem muito a estrutura NEG2, como nos exemplos abaixo:

103 S1: Talvez se eu não estivesse estudado num colégio de Estado, eu
NÃO teria passado na USP, né? [F1+04]

104 S1: Acho que já NÃO tem mais ninguém NÃO [M3+04]

Quanto ao grupo Ativação da proposição, seu interesse repousa, conforme descrevem os capítulos anteriores, na hipótese de que o emprego de NEG2 está correlacionado a fatos discursivo-pragmáticos (Schwegler, 1991; Roncarati, 1996; Schwenter, 2005). No Capítulo 2, descreveram-se os passos para a constituição de um conjunto de dados a partir daqueles oriundos da Amostra GERAL. Esse conjunto, sob o nome de Amostra GERAL 2, compreende dados extraídos de trecho de maior interação dialógica nas entrevistas.

O resultado para o grupo Ativação da proposição (reproduzido abaixo) para a Amostra GERAL reforça as conclusões a que chegaram as observações qualitativas sobre as interações. Uma vez que NEG2 é favorecida pela ativação direta de proposições, um conjunto de dados que leve em conta trechos em que a ativação direta é mais prototípica fornece uma percentagem maior da variante em foco.

Tabela 4. Resultados para o grupo Ativação da Proposição na Amostra GERAL

Grupo	Fatores	NEG2/Total	%	Peso	Range
Ativação da proposição	Direta	80/571	14,0	.73	26
	Inferida	244/5032	4,8	.47	
TOTAL		324/5603	5,8	<i>input 0,047</i>	<i>significância 0,050</i>

Mesmo nos trechos com as características definidas acima há, evidentemente, casos de ativação indireta da informação proposicional, que é a forma mais frequente em números absolutos. No caso das negativas, 5032 ocorrem em contextos cuja proposição negada é inferida, enquanto apenas 571 ocorrem com ativação direta. Trata-se dos resultados para a Amostra GERAL 2 e dos outros grupos de fatores linguísticos adicionados à análise no item 4.4.

4.1.2. Grupos de Fatores Sociais

Dos grupos de fatores sociais apresentados no Capítulo 3, três deles acabaram não sendo incluídos nas análises quantitativas, por apresentarem distribuição de dados muito “desequilibrada”: Origem do pai, Origem da mãe e Zona da cidade.

Tabela 5. Distribuição dos grupos que não entraram na análise estatística (para todas as amostras)

Grupo de fatores	Fatores	NEG2/Total	%
------------------	---------	------------	---

Origem do Pai	São Paulo (Capital)	94/2110	4,5%
	São Paulo (interior)	106/1583	6,7%
	Estrangeiro	32/596	5,4%
	Minas Gerais	12/253	4,7%
	Pernambuco	1/242	0,4%
	Sergipe	7/234	3,0%
	Paraíba	6/206	2,9%
	Bahia	14/145	9,7%
	Santa Catarina	9/138	6,5%
Origem da Mãe	Alagoas	43/96	44,8%
	São Paulo (Capital)	83/1630	5,1%
	São Paulo (interior)	84/1313	6,4%
	Minas Gerais	26/792	3,3%
	Bahia	62/593	10,5%
	Estrangeiro	47/463	10,2%
	Sergipe	3/261	1,1%
	Paraíba	6/206	2,9%
	Paraná	11/210	5,2%
Zona da Cidade	Goiás	2/135	1,5%
	Oeste	185/2407	7,7%
	Sul	62/1184	5,2%
	Leste	65/1416	4,6%
	Norte	12/596	2,0%

No caso de Origem do pai e Origem da mãe, a combinação de fatores (pais paulistanos ou não) resulta no grupo de fatores Geração, apresentado no Capítulo 3. Dessa maneira, apesar de os dois primeiros grupos não serem analisados estatisticamente, a origem familiar do informante é levada em consideração através dos fatores 1ª e 2ª geração de paulistanos.

De modo semelhante, a fim de possibilitar a análise estatística quanto à distribuição geográfica dos informantes na cidade, o grupo Zona da cidade foi recodificado em Região da cidade, separando-se informantes de regiões mais *centrais* daqueles de regiões mais *periféricas*.

Assim, na mesma rodada em que se incluíram os grupos de fatores linguísticos cujos resultados foram apresentados acima em 4.1.1, incluíram-se os grupos Sexo/gênero, Escolaridade, Faixa etária, Geração e Região da cidade. Destes, apenas o primeiro não foi selecionado como estatisticamente significativo (Tabela 6). Os resultados para aqueles que foram selecionados estão organizados na Tabela 7.

Tabela 6. Distribuição de NEG2 de acordo com sexo/gênero na Amostra GERAL

Grupo	Fatores	NEG2/Total	%
Sexo/gênero	Feminino	178/3023	5,9
	Masculino	146/2580	5,7

Tabela 7. Resultados para os grupos de fatores selecionados na análise da Amostra GERAL

Grupo	Fatores	NEG2/Total	%	Peso	Range
Escolaridade	Médio	202/2693	7,5	.57	14

	Superior	122/2910	4,2	.43	
Faixa etária	3	117/1796	6,5	.54	
	2	106/1789	5,9	.51	9
	1	101/2018	5,0	.45	
Geração	1ª geração	219/3169	6,9	.53	
	2ª geração	105/2434	4,3	.45	8
Região da Cidade	Periférica	238/3660	6,5	.52	
	Central	86/1943	4,4	.46	6
TOTAL		324/5603	5,8	<i>input 0,047</i>	<i>significância 0,050</i>

Para todos esses grupos, observam-se *ranges* mais baixos que aqueles da Tabela 3 (grupos linguísticos). Aqui, a correlação mais forte indicada se dá com Escolaridade – grupo selecionado pelo Goldvarb na maior parte das análises subsequentes. De acordo com os resultados, NEG2 é obviamente infrequente em todos os contextos (já que, no total, representa menos de 6% dos dados), mas é estatisticamente favorecida quando o informante tem nível médio de escolaridade (.57).

Já o grupo *faixa etária* indica um pequeno favorecimento de NEG2 entre os informantes mais velhos (.54), bem como um pequeno desfavorecimento entre os mais jovens (.45), com a 2ª faixa muito próxima do ponto neutro (.51).

Gráfico 3. Pesos para NEG em relação à faixa etária (Amostra GERAL)

Inicialmente, esses resultados poderiam ser interpretados como indicativo de mudança em tempo aparente. A inclinação da curva, contudo, é tão pequena, que se aproxima de estabilidade na comunidade.

Outro resultado interessante que a Tabela 7 traz é o desfavorecimento de NEG2 por falantes paulistanos de 2ª geração (.45), ou seja, aqueles cujos pais também são naturais da cidade de São Paulo. Apesar do baixo range, considerando-se a quantidade de dados, parece valer a pena levar um pouco mais longe a análise desse fato - no item 4.2, com a chamada Amostra GERAÇÃO.

Esses resultados se somam ao fato de que faltam descrições, na literatura, de NEG2 como variante na fala paulistana – diferentemente do que se observa a respeito de outras variedades brasileiras, sobretudo as do nordeste (Marroquim, 1945; Schwegler, 1998; Ilari & Basso, 2006; Noll, 2008).

Finalmente, a Tabela 7 indica que a Região da cidade guarda correlação com a variável dependente, na medida em que NEG2 parece ser favorecida nas regiões periféricas de São Paulo. É possível que tal distribuição de resultados esteja ligada à distribuição sociodemográfica do território paulistano. De acordo com a descrição apresentada no Capítulo 2, as áreas periféricas concentram, em geral, população de renda mais baixa e, conseqüentemente, de menor escolaridade. Dessa forma, pode haver alguma interação entre Região e Escolaridade.

A fim de observar melhor tal relação entre os grupos de fatores, realizou-se o cruzamento entre eles: indivíduos (a) com ensino médio residentes em regiões periféricas; (b) com ensino médio residentes em regiões centrais; (c) com ensino superior residentes em regiões periféricas; e (d) com ensino superior residentes em regiões centrais. Numa nova análise, com esses grupos cruzados, mais faixa etária e geração, obtiveram-se os seguintes resultados:

Tabela 8. Resultados para rodada com combinação dos grupos Escolaridade e Região

Grupo	Fatores	NEG2/Total	%	Peso	Range
Esc. vs. Região	Méd. x Per.	170/1852	8,4	.61	19
	Méd. x Cen.	32/671	4,8	.45	
	Sup. x Cen.	54/1272	4,2	.447 ³⁹	
	Sup. x Per.	68/1638	4,2	.42	
Faixa etária	3	117/1796	6,5	.55	11
	2	106/1789	5,9	.51	
	1	101/2018	5,0	.44	
Geração	1ª geração	219/3169	6,9	.54	9
	2ª geração	105/2434	4,3	.45	
TOTAL		324/5603	5,8	<i>input 0,053</i>	<i>significância 0,009</i>

Observe-se que os *ranges* para os grupos nessa análise são um pouco maiores do que aqueles da Tabela 7 mais acima (além disso, o valor de *p* – a significância – é ainda melhor do que o da primeira análise). O gráfico abaixo ilustra o fato de que, na região central, a diferença de escolaridade não reflete no emprego de NEG2.

³⁹ Há aqui três caracteres para diferenciar este resultado, cujo arredondamento para uma única casa decimal resulta em .45, daquele imediatamente anterior.

Gráfico 4. Uso de NEG2 para Escolaridade vs. Região

Por outro lado, nas áreas mais periféricas, NEG2 (a forma infrequente na amostra, vale lembrar) tende a ocorrer mais na fala dos informantes menos escolarizados (ou seja, aqueles sem nível superior). O Capítulo 2 também indicou que a população migrante se concentra nos bairros periféricos da cidade. Coincidentemente, indivíduos de 1ª geração usam mais frequentemente a variante NEG2:

Gráfico 5. Pesos de NEG2 para o grupo Geração

Observando-se os gráficos acima, pode-se supor um tipo específico, um certo “perfil” de paulistano que usa mais frequentemente NEG2 – sugerindo, possivelmente, “movimentos” divergentes em São Paulo, dada a diferenciação entre paulistanos das regiões mais centrais e aqueles das regiões mais periféricas.

Um desses perfis compreende indivíduos caracterizados pelos fatores *residente de bairro menos central, menor escolaridade e 1ª geração* - que favorecem NEG2. Em contrapartida, o paulistano *residente de áreas mais centrais, mais escolarizado e de 2ª geração ou mais* revela-se um perfil que desfavorece o uso dessa variante. Assim, considerando-se também os resultados para faixa etária, pode-se dizer que NEG2 é

relativamente menos infrequente – ou seja, tende a ocorrer mais – diante dos seguintes fatores:

NEG2
Região Periférica da cidade
Nível de escolaridade não superior
Informantes Mais velhos
Paulistanos de 1ª geração (filhos de migrantes)

Quadro 15. Fatores que favorecem NEG2

Os itens a seguir trazem, então, análises com subamostras de dados – a fim de explorar mais os fatores que se correlacionam ao emprego de NEG2. Em 4.2, a subamostra é definida pela Geração dos paulistanos (24 informantes) – cf. item 2.2.2. Em seguida, o item 4.3 utiliza uma subamostra (também 24 informantes) – cf. item 2.2.3 definida pela Região da cidade (mais periférica ou mais central).

4.2. Amostra GERAÇÃO

De acordo com a descrição no Capítulo 2, a Amostra GERAÇÃO é constituída de 24 entrevistas/informantes, estratificados de acordo com seu Sexo/gênero (masculino e feminino), sua Faixa etária (1ª, 2ª e 3ª faixa etária) e sua Geração (1ª e 2ª geração). São, portanto, 12 perfis, cada um dos quais representados por dois indivíduos.

A Tabela 9 destaca a distribuição das variantes nessa amostra:

Tabela 9. Distribuição geral das variantes na Amostra GERAÇÃO

NEG1	NEG2	Total
2802	185	2987
93,8%	6,2%	100%

Nessa análise não foi possível incluir todos os grupos de fatores das análises com a Amostra GERAL (item 4.1 acima), uma vez que os grupos Marcador conversacional e Outro termo negativo na sentença revelaram ocorrências de NEG2 ainda mais escassas (4 e 5, respectivamente). O grupo Faixa etária não foi selecionado nessa análise.

Os grupos restantes foram selecionados e, em geral, mantiveram-se os resultados das análises com a Amostra GERAL. A exceção está no fato de que, na presente subamostra, o grupo Geração revelou-se o de maior *range* entre os sociais – ou seja, de maior relevância. Nas análises anteriores, Escolaridade apresentou o maior *range* entre os grupos de fatores sociais, enquanto que Sexo/gênero não havia sido selecionado.

Tabela 10. Resultados para Amostra GERAÇÃO

Grupo	Fatores	NEG2/Total	%	Peso	Range
Ativação da proposição	Direta	44/307	14,3	.72	25
	Inferida	141/2680	5,3	.47	
Geração	1ª geração	122/1532	8,0	.57	15
	2ª geração	63/1455	4,3	.42	
Escolaridade	Médio	104/1263	8,2	.58	14
	Superior	81/1724	4,7	.44	
Região da Cidade	Periférica	139/2030	6,8	.54	13
	Central	46/957	4,8	.41	
Sexo/gênero	Feminino	102/1541	6,6	.54	9
	Masculino	83/1363	5,7	.45	
TOTAL		185/2987	6,2	<i>input 0,053</i>	<i>significância 0,036</i>

Os resultados obtidos com essa subamostra (menos informantes, organizada de acordo com a geração de paulistanos) corroboram alguns pontos das análises anteriores. Em primeiro lugar, o alto *range* de Ativação da proposição reforça a importância do grupo discursivo-pragmático. Ou seja, o favorecimento de NEG2 em contextos de ativação direta de proposições põe-se novamente em destaque. Em seguida, a seleção de Escolaridade e Região reforça positivamente a hipótese (aventada no item 4.1.2 acima) de que talvez haja um “perfil sociolinguístico” que utiliza mais frequentemente a variante NEG2 (rara na comunidade).

Por fim, tal subamostra cumpre a tarefa de confirmar a correlação entre a variável Negação e a geração à qual pertence o falante (pais paulistanos ou não). A seleção desse grupo de fatores como primeiro entre os sociais reforça os indícios anteriormente verificados de que NEG2 é favorecida por paulistanos de 1ª geração (ou seja, paulistanos cujos pais não são da cidade de São Paulo).

4.3. Amostra REGIÃO

A análise desta outra subamostra visa a verificar o peso do grupo Região de moradia do falante no emprego de NEG1 e NEG2. A Amostra REGIÃO também é constituída de 24 entrevistas, já que há 2 informantes para cada um dos 12 perfis obtidos com o cruzamento de Sexo/gênero (masculino e feminino), Faixa etária (1ª, 2ª e 3ª faixa etária) e Região da cidade (central e periférica) (cf. Capítulo 2).

Nesta subamostra, a distribuição geral das variantes é a seguinte:

Tabela 11. Distribuição geral das variantes na Amostra REGIÃO

NEG1	NEG2	Total
2798	148	2946
95,0%	5,0%	100%

Pelas mesmas razões apresentadas no item anterior, os grupos Marcador discursivo e Outro termo negativo na sentença não integram a presente análise. Diferentemente, contudo, nesta análise apenas Ativação da proposição e Sexo/gênero foram selecionados.

Tabela 12. Resultados para Amostra REGIÃO

Grupo	Fatores	NEG2/Total	%	Peso	Range
Ativação da proposição	Direta	25/299	8,4	.63	15
	Inferida	123/2647	4,6	.48	
Sexo/gênero	Masculino	82/1320	6,2	.56	11
	Feminino	66/1626	4,1	.45	
TOTAL		148/2798	5,0	<i>input 0,048</i>	<i>significância 0,015</i>

Novamente, portanto, a seleção estatística do grupo Sexo/gênero contraria os resultados obtidos com a análise da Amostra GERAL. Entretanto, os pesos relativos para os fatores desse grupo são diferentes relativamente aos da Amostra GERAÇÃO: anteriormente, viu-se que as mulheres favoreceriam o uso de NEG2 (.54 vs. .45), mas aqui parecem ser os homens a favorecê-la (.56 vs. .45).

Em ambos os casos, contudo, é muito pequeno o *range*. Somando-se este fato ao de que essas duas últimas análises foram realizadas com subamostras que contêm menor número de ocorrências e menor número de informantes, bem como ao fato de que os resultados foram opostos, parece mais seguro considerar que, no geral, a relevância de Sexo/gênero é baixa para esse caso de variação.

Mais uma vez ainda, confirma-se a forte correlação entre o tipo de ativação das proposições e a variável. Quando a ativação da informação proposicional é direta, o uso de NEG2 é favorecido; quando é indireta ou inferida, NEG2, pode-se dizer, não é nem favorecida nem desfavorecida – considerando-se que o peso (.48) está muito próximo do ponto neutro.

4.4. Amostra GERAL 2

Conforme se destacou anteriormente, a estrutura NEG2 é bastante infrequente – tanto na Amostra GERAL (5,8%) quanto nas subamostras organizadas a partir da Geração dos paulistanos (6,2%) e da Região (5,0%) da cidade em que vivem. Com tão poucas ocorrências, apesar do tamanho razoável das amostras (48 ou 24 entrevistas), é evidente que as hipóteses estabelecidas na forma de grupos com muitos fatores levam a células com muitíssimo poucos dados, senão a células vazias (os chamados *knockouts*).

Além disso, é necessária cautela ainda maior na interpretação dos resultados – conforme se faz nos itens acima.

Assim, aventar certas hipóteses acerca desse caso de variação, ou, em outras palavras, o estabelecimento e a inclusão de certos grupos de fatores linguísticos na análise (tais como Tipo de verbo, Tipo de sentença etc.) são exercícios de análise que poderiam ser mais bem desenvolvidos se a taxa de ocorrência da variante infrequente fosse um pouco maior.

É nesse sentido que, a partir da análise qualitativa das entrevistas (cf. Capítulo 2), propõe-se focalizar o olhar nos trechos das entrevistas em que se observa maior dinamicidade dialógica, no sentido de mais trocas de turno. Conforme já se indicou anteriormente, há uma relação entre, de um lado, trocar de turnos numa conversa e, de outro, fazer ativação direta de proposições. Como a ativação direta de proposições é o fator que mais favorece o emprego de NEG2, segue que, se nos concentramos em trechos de conversa com mais trocas de turno, será maior a taxa de ocorrência dessa variante e, daí, mais factível o teste de certas hipóteses de natureza linguística.

De acordo com a tabela abaixo, se selecionamos as ocorrências das estruturas negativas “apenas” nos trechos com mais trocas de turnos em todas as entrevistas da Amostra GERAL, a taxa de emprego de NEG2 passa de 5,8% para 13,9% (apesar de que, nesta que se denomina Amostra GERAL 2, todas as quantidades de dados sejam menores):

Tabela 13. Amostra GERAL 2 e Amostra GERAL

Amostra	NEG1	NEG2	Total
Amostra GERAL 2	1265 86,1%	204 13,9%	1469 100%
Amostra GERAL	5279 94%	324 5,8%	5607 100%

Na análise desses 1469 dados, foram suprimidos os grupos de fatores Marcador conversacional e Outro termo negativo na sentença, em virtude de células vazias ou muito pequenas. Além desses, também não se incluíram nessas análises os grupos Tipo de constituinte pós verbal, Sujeito e Quantidade de elementos à direita do verbo – pois eles interagem com Tipo de verbo, uma vez que este pode ser classificado, por exemplo, como transitivo direto ou indireto (interagindo com a classificação do objeto), impessoal

(interagindo com sujeito cancelado), e intransitivo (interagindo com complemento cancelado).

Assim, nessa análise foram incluídos os grupos: (i) Sexo/gênero; (ii) Faixa etária; (iii) Escolaridade; (iv) Geração; (v) Ativação da proposição; (vi) Região da cidade; (vii) Tipo de verbo; (viii) Adjunto adverbial; e (ix) Tipo de sentença; conforme as hipóteses descritas no Capítulo 3. Aqueles que foram selecionados pelo Goldvarb X são:

Tabela 14. Resultados para Amostra GERAL 2

Grupo	Fatores	NEG2/Total	%	Peso	Range
Escolaridade	Médio	147/705	20,9	.63	25
	Superior	57/707	7,5	.38	
Ativação da proposição	Direta	56/209	26,8	.69	22
	Inferida	148/1112	11,7	.47	
Região	Periferia	153/889	17,2	.54	10
	Centro	51/580	8,8	.44	
TOTAL		204/1469	13,9	<i>input 0,119</i>	<i>significância 0,027</i>

Como se vê, nenhum dos novos grupos de fatores linguísticos foi selecionado como relevante para explicar esse caso de variação. De maneira geral, os resultados dessa análise confirmam as tendências anteriormente observadas, com os dados da Amostra GERAL). A diferença que se observa, aqui, está no fato de que o grupo Ativação da informação proposicional não ocupa o lugar de grupo de fatores com maior *range* – posição tomada por Escolaridade. Esse resultado é interessante na medida em que, focalizando o olhar em trechos de entrevista mais dialogicamente dinâmicos (no sentido que já se definiu acima), os paulistanos com nível superior de escolaridade desfavorecem ainda mais o emprego de NEG2. Pode ser, então, que tal forma goze de certo desprestígio; ou ainda: pode ser que tal forma seja avaliada (mais ou menos inconscientemente) como uma estrutura “demasiado coloquial” e que deva ser evitada em situações de conversa mais monitoradas (como tende a ser, no geral, o caso de entrevistas sociolinguísticas, conforme considera Labov (2008 [1972]: 63).

O grupo Geração não foi selecionado na análise da Amostra GERAL 2, mas uma rodada *one level* (cf. Tabela 15) permite interpretações semelhantes àsquelas relativas a resultados anteriores.

Com efeito, procedeu-se a uma rodada *one-level* com todos os grupos de fatores incluídos nessa análise. Como a maioria deles não foi selecionada como relevante na análise “*step-up/step-down*”, os números obtidos com a análise *one-level* ao menos

servem para observar diferenciações nos empregos de NEG2 a depender de fatores linguísticos (bem como no caso dos grupos de fatores sociais não selecionados).

Tabela 15. Grupos de fatores não selecionados na análise da Amostra GERAL 2

Grupo	Fatores	Peso one-level	%	Grupo	Fatores	Peso one-level	%
Sexo/gênero	Feminino	.53	16	Geração	1ª geração	.52	17
	Masculino	.47	12		2ª geração	.47	10
Faixa etária	1ª	.46	13	Região da Cidade	Periférica	.54	17
	2ª	.55	14		Central	.44	09
	3ª	.49	15	Sujeito**	Cancelado	.50	14
Tipo de verbo	Ligação	.58	17		Lexicalizado	.49	14
	Intransitivo	.50	13	Quantidade de elementos à direita**	Comp. ou Ad. Adverbial	.52	14
	Transitivo	.49	14		Ambos presentes	.49	12
	Impessoal	.42	11		Nenhum	.46	14
Presença de adjunto adverbial	Presente	.52	15	Constituinte pós verbal***	Nenhum	.43	15
	Ausente	.49	13		Comp. Verbal	.55	12
Tipo de sentença	Independente sintaticamente	.52	15		Predicativo do Sujeito	.60	20
	Subordinada	.45	11		Predicativo cancelado	.20	08
	Principal	.45	10				
Marcador**	Ausente	.54	15				
	Presente	.20	03				
Palavra negativa na sentença**	Ausente	.53	15				
	Presente	.22	05				

Input: 0,115
 **Input: 0,105
 ***Input: 0,102

Os pesos relativos obtidos com rodada *one-level* dos dados para os grupos sociais apontam para as mesmas tendências verificadas nas análises anteriores. Quanto aos grupos linguísticos, os resultados indicam dois pontos interessantes.

Em primeiro lugar, observa-se um ligeiro favorecimento de NEG2 quando o verbo é de ligação (.58). Contudo, tal resultado não é comparável com outros estudos, uma vez que este trabalho não tomou conhecimento de análises similares (cf. Capítulo 3).

Em seguida, pode-se dizer que os resultados encontrados para o grupo Constituinte pós-verbal segue direção oposta àqueles apresentados por Roncarati (1996). Enquanto os dados da autora indicam favorecimento de NEG2 em contextos com constituinte pós-verbal cancelado (.60), neutralidade com constituinte pós-verbal inexistente (.52) e desfavorecimento com constituinte lexicalizado (.37), os dados deste trabalho indicam certo favorecimento em estruturas com predicativo do sujeito (.60) e

complemento verbal (.55)⁴⁰, e certo desfavorecimento com predicativo cancelado (.20) ou complemento inexistente (.43).

⁴⁰ Esses dois primeiros grupos – aqueles que favorecem NEG2 – podem ser comparados a que Roncarati (1996) nomeia constituinte lexicalizado.

CONCLUSÃO

Este estudo sociolinguístico das variantes de Negação na variedade paulistana do PB – NEG1 (*Não gosto de chocolate*) e NEG2 (*Não gosto de chocolate não*) – definiu seu envelope de variação a partir de restrições discursivo-pragmáticas no que se refere à ativação de informação proposicional no discurso (a partir, sobretudo, de Schwenter, 2005). Foram discutidas duas abordagens: uma que admite o elemento *não* pós-verbal como indexador de natureza pressuposicional (Roncarati, 1996; Furtado da Cunha, 2001) e outra que o toma como indexador do estatuto de ativação da proposição negada (Schwenter, 2005). Esta última provou-se mais adequada aos dados da amostra paulistana, além de permitir argumentar a favor da equivalência semântica das estruturas, premissa básica que subjaz aos estudos variacionistas (Labov, 1978; Lavandera, 1978).

Várias hipóteses linguísticas e sociais foram testadas. Pensando-se na constituição etnográfica de São Paulo, considerou-se a Geração do indivíduo na cidade. No âmbito linguístico, consideraram-se, entre outros, os grupos de fatores Ativação da informação proposicional e Presença de marcadores conversacionais, a fim de manter hipóteses ligadas a fatos discursivo-pragmáticos, para os quais a variante dependente em foco se mostrou sensível.

Em relação às hipóteses linguísticas, NEG2, uma forma que se revelou bastante infrequente na amostra, é favorecida principalmente pela ativação direta de proposições. A seleção de trechos das entrevistas em que ocorreram mais trocas de turnos (Amostra Geral 2) e, conseqüentemente, trechos em que se mostrou mais característica a ativação direta de proposições, permitiu trabalhar com uma proporção maior da variante NEG2. A análise quantitativa desses dados demonstrou forte favorecimento de NEG2 por parte desse fator (.73; *range* 26), assim como favorecimento de NEG1 por parte dos fatores presença de Marcador conversacional (.53, *range* 29) e Presença de outro termo negativo na sentença (.53, *range* 27).

Outros grupos linguísticos também foram considerados, como Tipo de verbo, Adjunto adverbial, Tipo de sentença, Sujeito, Quantidade de elementos à direita do verbo e Tipo de constituinte pós-verbal. Apesar de não selecionados pela análise

estatística do tipo *step-up/step-down* dos dados da Amostra GERAL 2, os resultados da análise *one level* para esses grupos indicaram fatos interessantes acerca de NEG2. Por exemplo, com *verbos de ligação*, com presença de *predicativo do sujeito* ou algum *complemento verbal*, NEG2 revelou-se um pouco favorecida. O Capítulo 4 indica que esses resultados vão em direção contrária àqueles encontrados por Roncarati (1996) no falar cearense, ilustrando como comunidades distintas apresentam comportamentos linguísticos diferentes – não só com variáveis de natureza fonético-fonológica, mas também com variáveis sintáticas, tais como a que este trabalho focaliza.

Quanto aos aspectos sociais, os resultados revelam que NEG2 é favorecida por fatores que, juntos, podem sugerir dois perfis de paulistanos em relação ao uso da variante. Os grupos Escolaridade e Geração correlacionam-se à variável com altos *ranges* (respectivamente, 14 e 15, na análise da Amostra GERAÇÃO). Outros dois grupos de fatores, apesar de não selecionados, parecem guardar alguma correlação, ainda que fraca, com NEG2: Faixa etária e Região da cidade (cf. Tabela 8, no Capítulo 4). Desse modo, podemos listar da seguinte maneira os fatores que favorecem NEG1 de um lado e, de outro, aqueles que favorecem NEG2.

NEG1	NEG2
maior escolaridade	menor escolaridade
2ª geração ou seguinte	1ª geração
região mais central	região mais periférica
mais jovens	mais velhos

Quadro 16. Comparação de fatores que favorecem NEG1 ou NEG2

Esse resultado permite retomar o debate acerca do fato de que variáveis “além do nível fonético-fonológico” se correlacionam apenas indiretamente a fatores sociais (a partir da consideração de que a correlação entre fatos sociais e um fato linguístico se daria de maneira mais branda com variáveis morfossintáticas (Cheshire, 2005; cf. Capítulo 2). Neste trabalho, contudo, apresentaram-se vários indícios de que a variável Negação mantém correlação mais direta com fatores sociais, e os resultados acima são também interessantes quando se associa – ainda que indiretamente (Rodrigues, 2009 *apud* Mendes & Oushiro, 2012) – Escolaridade a Classe social. Dada a configuração da própria comunidade paulistana, as análises da Amostra GERAL indicam que os fatores *menor escolaridade* e *região mais periférica* se cruzam (ou seja, interação entre si). Dada a relação entre as regiões da cidade e os índices de vulnerabilidade social (IPVS), apresentada no Capítulo 2, e dada a constatação de que escolaridade reflete

indiretamente poder econômico e classe social, tem-se indícios para corroborar a divisão em perfis apresentada acima e admitir alguma correlação direta entre uma variante morfosintática como NEG2 e alguns fatores sociais, como Classe social e Geração (este último, de natureza mais específica em relação à comunidade e, pode-se dizer, de cunho mais etnográfico).

Essas considerações expressam a concretização dos objetivos desta pesquisa sob diversos aspectos. Em primeiro lugar, contribui-se para um maior entendimento dos contextos restritivos de caráter discursivo-pragmáticos para a Negação e, principalmente, avança-se um pouco na metodologia da análise de diferentes tipos de interação nas entrevistas sociolinguísticas, viabilizando-se o estudo de variáveis morfosintáticas, cujas ocorrências das variantes podem revelar números de ocorrências bastante baixos. Em segundo lugar, realizou-se a descrição do uso da variável na cidade de São Paulo, evidenciando-se diversos fatores (peculiares à configuração de tal metrópole) que promovem o uso de NEG2 (cf. Quadro 16). Nesse sentido, esta pesquisa deve ter contribuído para o trabalho de incluir São Paulo no “mapa sociolinguístico brasileiro” (Mendes & Oushiro, 2012). De maneira geral, portanto, a partir deste estudo sobre NEG2, entende-se contribuir para a compreensão e debate sobre o encaixamento linguístico e social de variáveis definidas além do campo fonético/fonológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZANHA, José M. P. Democratização do ensino: vicissitudes da ideia no ensino paulista. **Educação e Pesquisa**. vol.30 no.2 São Paulo, Mai/Ago, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022004000200012&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 20/01/2011.
- BARME, S. A negação no brasileiro falado informal. **Zeitschrift für romanische Philologie**, v. V 121 Issue 3, p. 405-425, 2005.
- BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.
- BERBER SARDINHA, Tony & ALMEIDA, Gladis M B. A Linguística de Corpus no Brasil. In: TAGNIN, Stella E. O. & VALE, Oto Araújo.(Orgs.). **Avanços da Linguística de Corpus no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: PETTER, M. M. T. & FIORIN, J. L. **África no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-63.
- GOVERNO FEDERAL, 2011. Secretaria de assuntos Estratégicos da Presidência da República. **Comunicados do Ipea**. Brasília, 2011, n. 115.
- BRENNER, T. D. M. **Modelo de Klima e a dupla negação em Português**. Porto Alegre: EDURGS, 1981.
- CASTILHO, A. T. **Projeto para a história do português paulista**. 2007. Projeto temático de equipe 06/5594-0 apresentado a FAPESP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CASTILHO, A. T. de & PRETI, D. (Ed.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987. (Diálogos entre dois informantes, v.2).
- _____. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986. (Elocuções formais, v.1).
- CAVALCANTE, R. **A negação pós-verbal no português brasileiro: Análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2007.
- CHESIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. **The handbook of language variation and change**. Malden and Oxford: Blackwell Publishers, 2004.

- CHESHIRE, J. Syntactic variation and beyond: gender and social class variation in the use of discourse-new markers. **Journal of Sociolinguistics**, Hoboken, v.9, n.4, p.479-508, 2005.
- CUNHA, José M. P. da et al. Dinâmica migratória no Estado de São Paulo. In: Daniel Joseph Hogan et al. (orgs.). **Migração e ambiente em São Paulo**: aspectos relevantes da dinâmica recente. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2000, p. 61-123.
- DRYER, M., 1996. Focus, pragmatic presupposition, and activated propositions. **Journal of Pragmatics**, 26, 475–523.
- FORGET, D. et al. (Eds.). **Negation and Polarity**: syntax and semantics. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2007.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **D.E.L.T.A.**, v. 17:1, p. 1-30, 2001.
- GALEMBECK, P. de T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org) **Análise de textos orais**. 6 ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.
- GIVÓN, T. **Toward a Discourse Definition Syntax** [Unpublished MS., University of California at Los Angeles, 1974]
- GONÇALVES, Sebastião C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, Stella E. O. & VALE, Oto Araújo. (Orgs.). **Avanços da Linguística de Corpus no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- GUY, G. R. & ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa - instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HORN, L.R. **A Natural History of Negation**, Chicago, The Chicago University Press, 1989.
- ILARI, R. & BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos: a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.
- ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2006.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 23.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- JESPERSEN, O. **Negation in English and other languages**. Kobenhan AF. Host, 1917.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**: cognitive and cultural factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

- _____. **Principles of Linguistic Change: social factors.** Oxford & Cambridge: Blackwell, 2001.
- _____. **Principles of linguistic change: internal factors.** Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. Where does the sociolinguistic variable stop? a response to Beatriz Lavandera. **Working papers in sociolinguistics**, Austin, v.44, p.01-22, 1978.
- _____. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- _____. **The social stratification of English in New York City.** São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, Cambridge, v.7, p.171-182, 1978.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. **Lingua e Stile**, 20, p. 303-318, 1982.
- MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco.** 4. ed. Alagoas: UFAL, 2008 [1945].
- McENERY, Tony & WILSON, Andrew. **Corpus Linguistics: an introduction.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2 ed., 2001 [1996]
- MELLO, H. R. D. et al. O português vernáculo do Brasil. In: PERL, M. & SCHWEGLER, A. **América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas.** Frankfurt am Main: Vervuert, 1998. Cap. 2, p. 71-137.
- MENDES, R. B. **Estar + gerúndio e ter + participípio – aspecto e variação no português.** 2005. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2005.
- MENDES, R. B. & OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **Alfa**, 56, no. 3. 2012.
- _____. Percepções sociolinguísticas sobre as variantes tepe e retroflexa na cidade de São Paulo. In: HORA, D. & NEGRÃO, E. V. (Org.). **Estudos da linguagem: casamento entre temas e perspectivas.** João Pessoa: Ideia, 2011. p.262–281.
- MIOTO, C. **Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática.** 1992. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. [S.l.]. 1992.

- MOLLICA, M. C. D. M. & PAIVA, M. D. C. Restrições estruturais atuando na relação entre $[L] \rightarrow [R]$ e $[R] \rightarrow \emptyset$ em grupos consonantais em português. **Boletim da ABRALIN**, v. 11, junho 1991.
- NASCIMENTO, I. B. do. **O uso variável do pronome de segunda pessoa você(s)/cê(s) na cidade de São Paulo**. 2011. 217f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- NOLL, V. **O português brasileiro: formação e contrastes**. Tradução de Mário Eduardo Viáro. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- NOZAKI, W. V. Paulo Fontes, Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966). **Tempo Social**, Revista de sociologia da USP, v. 21, n. 2. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12604/14381>>.
- OUSHIRO, L. **Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q**. 2011. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011.
- PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Orgs) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- PETTER, M. M. T. A negação em algumas línguas do grupo banto, v. XXXIII, p. 268-273, 2004.
- PRETI, D. & URBANO, H. (Ed.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988. (Entrevistas, v.3).
- _____. (Ed.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990. (Estudos, v.4).
- PRINCE, E., 1992. The ZPG letter: subjects, definiteness, and information-status. In: Thompson, S., Mann, W. (Eds.), **Discourse Description: Diverse Analyses of a Fundraising Text**. Benjamins, Amsterdam, pp. 295–325.
- (Eds.), **Discourse Description: Diverse Analyses of a Fundraising Text**. Benjamins, Amsterdam, pp. 295–325.
- RAMALHO, E. B. Aspectos do falar nordestino em Samarica Parteira. **Revista de Letras**, v. 20 (1/2), jan/dez 1998.
- RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C. & MOLLICA, C. (Org.) **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1996.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

- SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura de São Paulo. **Município em mapas**: político administrativo. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/mm/panorama/>>. Acesso em: 20 mar. 2011.
- _____. **Informes Urbanos – SP2040**, nº 1. Setembro de 2010. Disponível em <http://sp2040.net.br/wp-content/uploads/2011/10/IU1_set_20118.pdf>
- SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- SCHWEGLER, A. El palenquero. In: PERL, M. & SCHWEGLER, A. **América negra**: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas. Frankfurt am Main: Vervuert, 1998. Cap. 4, p. 219-291.
- SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. **Lingua**, v. 115, p. 1427-1456, 2005.
- SOUZA, L. T. D. Aspectos prosódicos de sentenças negativas no PB. **Anais do Seta**, v. 3, p. 585-596, 2009.
- TAUNAY, A. de E. **História da cidade de São Paulo**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004 [1954].
- ZILLES, Ana Maria S. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, 17: 19-53, 2005.

ANEXO: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Construção da amostra SP2010: Roteiro da entrevista

“SP2010: construção de uma amostra da fala paulistana”

(Processo FAPESP nº 2011/09278-6)

I. Primeira parte

BAIRRO (aprox. 10 min.)

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do informante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa

1. Há quanto tempo você mora na (Mooca, Pinheiros, Bexiga...)?
2. Você gosta de morar aqui?
3. Por que você escolheu morar neste bairro? (manter em mente que o informante pode não ter “escolhido” morar ali: pode ter sido porque a família já morava lá etc.)
 - a. Se o informante mora há bastante tempo: Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?
 - b. Se o informante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali: Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
4. Você tem bastante contato com as pessoas aqui do bairro?
5. Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

INFÂNCIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre mudanças no bairro/cidade de São Paulo; grau de mobilidade do informante; obter informações sobre escolaridade.

6. E como foi a sua infância (no bairro X)? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?
 - a. brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?
 - b. como eram os seus pais? eram rígidos...?
7. Você foi pra escola no mesmo bairro? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou?
8. Enquanto ainda era criança/adolescente, você ia pra outros lugares dentro da cidade de São Paulo? (pra onde, pra fazer o quê...)

FAMÍLIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante, grau de enraizamento no bairro/cidade.

9. Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: “Você disse que tem uma irmã... Você tem outros irmãos?”) Quantos anos eles têm?
10. Seus pais são daqui de São Paulo mesmo? (Se sim, perguntar também sobre avós, bisavós... até encontrar a primeira geração da família que veio pra cá). Quantos anos eles (pais) têm? Quando seus (pais/avós/bisavós) vieram pra São Paulo? Você sabe por que eles vieram?
11. Você tem filhos? Quantos anos eles têm?

12. E o resto da família, tios, primos, também vivem aqui em São Paulo? (Se sim, em que bairros? Moram próximo? Se não, onde? Tem contato sempre?)

TRABALHO/OCUPAÇÃO (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; características socioeconômicas.

13. Você trabalha aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)

14. O que você faz?

15. Você gosta do seu serviço? (Se não, o que a pessoa preferiria fazer?)

LAZER (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas

16. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem, vão pra que lugares?) Você acha que a cidade de São Paulo tem boas opções de lazer? Quais?

17. A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não, onde?)

18. Você tem algum atividade de recreação em grupo, algum clube...?

19. Quais são seus amigos mais antigos? Você mantém contato com os amigos de colégio?

20. Você costuma viajar? Pra que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?

II. Segunda parte

A CIDADE DE SÃO PAULO (aprox. 20 min.)

21. Uma pesquisa recente mostrou que 57% das pessoas em São Paulo deixariam a cidade caso pudessem. O que você acha disso? (se o informante perguntar, a pesquisa é do Ibope e foi publicada em janeiro/2010)⁴¹

22. Você gosta de morar em São Paulo? (Se não, em que lugar preferiria morar?)

Por quê?

23. O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?

24. O que você acha que caracteriza o paulistano (tanto as coisas boas quanto ruins)?

25. Olhando pra mim, você diria que eu sou paulistano(a)? Por quê?

26. O que você mais gosta em São Paulo?

27. O que você não gosta em São Paulo? (a depender do tópico mencionado pelo informante - violência, trânsito, poluição etc. - procurar explorar mais o assunto. P.ex.: você já foi assaltado? O que aconteceu? (para obter narrativa pessoal) O que o governo poderia fazer pra solucionar esse problema? (para obter uma fala mais distanciada)) (explorar o subtópico por aproximadamente 10 min.)

28. Pras pessoas que não vivem em São Paulo, como você acha que elas imaginam que seja a cidade? Qual é a imagem que as pessoas de fora de São Paulo têm da cidade?

29. Você falou que já foi pra (X, Y, Z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era paulistano? (Se sim) como elas percebiam?

30. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de São Paulo?

a. (Se sim) como você percebe? (Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar tirar mais informações).

⁴¹Disponível

<http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/Pesquisa_IRBEM_Ibope_2010_completa.pdf>. Acesso em 05/05/2011.

b. (Se não) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque?

PRODUÇÃO/PERCEPÇÃO/AVALIAÇÃO LINGÜÍSTICA (aprox. 10 min.)

31. Já que a gente está falando de sotaque... qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como é que (o gaúcho/o carioca/o mineiro/o caipira etc. – a depender dos sotaques mencionados) fala(m)?

32. Aqui em São Paulo tem muito (i)migrante, né? De onde vêm a maioria das pessoas? Tem algum bairro específico em que eles (italianos, coreanos, nordestinos etc.) se concentram?

33. E como é que as pessoas falam na cidade de São Paulo? (evitar usar a palavra “sotaque”)

34. E aqui dentro da cidade de São Paulo, você vê diferenças entre as diferentes regiões, diferentes bairros? (Se sim) Você poderia dar alguns exemplos? (É normal as pessoas responderem que não, mas se responderem que sim, tente obter informações mais precisas)

(Imprimir a lista de palavras, a notícia e o trecho, todos abaixo, para mostrar ao informante)

LISTA DE PALAVRAS:

Apresentar ao informante a lista de palavras e dizer: “Agora eu queria te pedir pra ler algumas coisas. Eu tenho aqui uma lista de palavras, e eu queria que você lesse cada uma delas. Você pode dar uma olhada primeiro, antes de começar a ler.” Esperar que o informante leia a lista de palavras. Depois perguntar:

35. A gente estava falando de sotaques agora há pouco... Como você acha que uma pessoa do interior falaria algumas dessas palavras? Tem diferenças?

36. E como um carioca falaria algumas dessas palavras?

37. Tem mais algum sotaque no Brasil que você conhece?

LEITURA DE NOTÍCIA:

Dizer ao informante: “Agora eu queria que você lesse esse texto. Você pode ler em voz baixa antes de falar em voz alta.” Esperar que o informante leia a notícia.

LEITURA DE TRECHO:

Dizer ao informante: “Por último, queria que você lesse esse trechinho.” Esperar que o informante leia o trecho.

38. O que você acha desse modo de falar: “Você tá entendendo o que eu tô dizendo?” (com “en” ditongado e exagerado). Se a pessoa manifestar uma atitude negativa, perguntar: Como você acha que deveria ser? O que tem de errado aí?

39. Quem você acha que fala assim? (se falar “paulistanos”, perguntar: “você acha que todos os paulistanos falam assim ou é uma coisa de uma região mais específica na cidade?”)

40. Você fala desse modo?

41. E o que você acha de “Me vê dois pastel e um chopps?” (Fazer as mesmas perguntas acima)

42. E o que você acha de “A porta tá aberta.” (com retroflexo exagerado). Fazer as mesmas perguntas acima.

43. E tem mais algum modo de falar que você acha assim bem paulistano?

III. Lista de palavras

alma	erguer	orca
amargo	fazenda	Ordem e progresso
animação	felicidade	orgânico
argola	firme	órgão
atitude	fornalha	ostracismo

barqueiro	furgão	penteados
biscoito	fusquinha	pertencimento
cacique	geleira	perto
carteiro	gérmen de trigo	porto
cerca	gordo	presente
chácara	gula	rapidez
circo	Hércules	riqueza
cisne	hilário	sabor de menta
curto	irmã	soberba
defender	justiça	trabalho
discoteca	lento	turco
elefante	mortadela Marba	urgente
enchente	mosca	utilidade
entender	necessidade	vulto
entretenimento	noite	zebra

IV. Notícia

08/02/2010

Moradores cobram solução para área alagada em SP e aguardam encontro com prefeito Moradores da região do Jardim Pantanal protestaram nesta segunda-feira em frente à Prefeitura de São Paulo contra a inundação em bairros da zona leste, que completa dois meses hoje. Uma comissão de manifestantes foi recebida pela Secretaria de Relações Institucionais e apresentou reivindicações, mas o prefeito Gilberto Kassab (DEM) não participou do encontro. Representantes dos manifestantes esperam que o governador José Serra (PSDB) também participe da reunião de sexta. De acordo com os integrantes da comissão, não havia integrantes do governo estadual no encontro realizado hoje na prefeitura. Além de cobrar a limpeza imediata das águas nos bairros, os moradores cobram uma solução para a falta de moradia. A maioria dos desalojados continua em escolas municipais e, com o início do ano letivo, temem não ter para onde ir.

V. Trecho

Tá chovendo muito! Choveu tanto, tanto na semana passada que ficou uma piscina na minha casa. Ó, pra você ver: Molharam todos os armários, a cama, os colchões, tudo... Foi um sacrifício... O que a gente fez? Nós tivemos que erguer os móveis pra limpar tudo: a geladeira, o forno... minha irmã até veio me ajudar, sabe? E meus filhos compraram umas cadeiras novas, mas é aquela coisa, assim... quando chover de novo, vai molhar tudo outra vez. Você fica sem ter o que fazer. E tem um rio lá perto que sempre alaga... quer dizer, é água dentro e fora de casa! Daí, o que acontece? Fica aquele trânsito, os carros todos parados, a gente demora um tempão pra chegar em casa... Não aguento mais enchente nessa cidade... Agora que eu vou fazer? Os políticos falam, falam, mas eles tinham que fazer alguma coisa urgente. Você tá entendendo o que eu tô dizendo?